

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Eder Milesky

Bunmeiron no Gairyaku: a teoria civilizatória de Fukuzawa Yukichi (1875)

Florianópolis

2023

Eder Milesky

Bunmeiron no Gaiyaku: a teoria civilizatória de Fukuzawa Yukichi (1875)

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Eder Milesky do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dra. Flávia Florentino Varela

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Milesky, Eder

Bunmeiron no Gairyaku : a teoria civilizatória de
Fukuzawa Yukichi (1875) / Eder Milesky ; orientadora,
Flávia Florentino Varella , 2023.

57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. Fukuzawa Yukichi. 3. Civilização. 4.
Japão. 5. Modernidade. I. , Flávia Florentino Varella. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
História. III. Título.



ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dezessete dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e três, às dez horas, por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Flávia Florentino Varella, Orientadora e Presidente, e pelo Professor Augusto Bruno de Carvalho Dias Leite, Titular da Banca, designados pela Portaria nº 37/2022/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Eder Milesky**, subordinado ao título: **“Bunmerion no Gairyaku: teoria civilizatória de Fukuzawa Yukichi (1875)”**. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Flávia Florentino Varella a nota final 10 e do Professor Augusto Bruno de Carvalho Dias Leite a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia vinte e quatro de março de dois mil e vinte e três. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 17 de março de 2023.

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente

Flavia Florentino Varella
 Data: 17/03/2023 11:26:52-0300
 CPF: ***.718.756-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.a Flávia Florentino Varella

Prof. Augusto Bruno de Carvalho Dias Leite



Documento assinado digitalmente

AUGUSTO BRUNO DE CARVALHO DIAS LEITE
 Data: 17/03/2023 12:41:43-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Candidato Eder Milesky



Documento assinado digitalmente

EDER MILESKY
 Data: 17/03/2023 11:35:10-0300
 CPF: ***.607.099-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

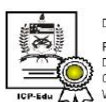


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Campus Universitário Trindade
CEP 88040-900 Florianópolis – Santa Catarina
Fone (048) 3721-9000

Atesto que o acadêmico **Eder Milesky**, matrícula **16201308**, entregou a versão final do seu TCC cujo título é **“Bunmeiron no Gairyaku: a teoria civilizatória de Fukuzawa Yukichi (1875)”**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 17 de março de 2023.



Documento assinado digitalmente

Flavia Florentino Varela

Data: 17/03/2023 13:47:02-0300

CPF:***.718.756-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Orientadora

Dedico aos meus pais, que insistiram que eu estudasse Ciências da Computação. Obrigado, aquele um ano foi essencial para ter certeza que queria história.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao ensino público brasileiro e a todas as pessoas que fizeram parte deste processo de graduação, desde o início das primeiras aulas no primeiro semestre, até a última reunião da matéria TCC e Estágio II. Amigos, amigas, família, orientadora, professoras, professores, coordenação, colegas, o meu mais sincero obrigado!

RESUMO

A Era Meiji foi um período importante na história do Japão, que aconteceu após a abertura forçada do Japão para o mundo ocidental em 1868. Fukuzawa Yukichi é um dos fundadores de uma organização que estuda a civilização e seu desenvolvimento histórico, conhecido por ser um dos mais influentes defensores da modernização e civilização japonesa. Para Fukuzawa, a civilização era sinônimo de liberdade, e acreditava que o Japão precisava se modernizar e se civilizar para se tornar um Estado igualmente livre e respeitado. Sua obra *Bunmeiron no Gairyaku* (1875), argumenta sobre as principais ideias que Fukuzawa desenvolve para o Japão. Este trabalho estuda a teoria civilizacional de Fukuzawa e suas implicações, através de uma análise de sua obra e suas ideias.

Palavras-chave: Fukuzawa Yukichi; Civilização; Japão.

ABSTRACT

The Meiji Era was an important period in Japanese history, which took place after Japan's forced opening to the Western world in 1868. Fukuzawa Yukichi is one of the founders of an organization that studies civilization and its historical development, known for being one of the most influential advocates of Japanese modernization and civilization. For Fukuzawa, civilization was synonymous with freedom, and he believed that Japan needed to modernize and civilize itself to become an equally free and respected state. His work *Bunmeiron no Gairyaku* (1875), argues about the main ideas that Fukuzawa develops for Japan. This work studies Fukuzawa's theory of civilization and its implications, through an analysis of his work and ideas.

Keywords: Fukuzawa Yukichi; civilization; Japan.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1: Historiografia Nacional Japonesa e a busca por uma Nova História	19
Capítulo 2: Conexões intelectuais entre o Japão e o Ocidente	27
Capítulo 3: Teoria Civilizatória de Fukuzawa	38
3.1 Teoria do desenvolvimento japonês	39
3.2 Horizonte e Espaço em Tensão	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere no campo da história da historiografia, mais especificamente nos estudos sobre a história da historiografia japonesa do final do século XIX. Durante o desfecho do período Tokugawa e início da Era Meiji, o Japão passou por um grande processo de reformas e mudanças em diversos âmbitos, tais como político, social, econômico, cultural, pedagógico e diplomático, entre outros. Não obstante, o campo da história foi palco de uma disputa de ideias e princípios, que visava à construção da identidade nacional japonesa e à definição de sua história oficial. Divididos em grupos de pensamentos distintos, vários autores japoneses produziram livros e artigos, tanto no meio acadêmico quanto fora dele, para defender o caminho que deveria ser seguido pelo governo e pela população japonesa. Dentre esses autores, Fukuzawa Yukichi teve destaque em seu período e na posteridade, devido ao seu estudo de uma história civilizatória, com grande embasamento nos referenciais teóricos ocidentais, especialmente europeus. O presente trabalho, por meio da discussão bibliográfica da disputa ideológica pela história e sua escrita, bem como da análise direta do livro *Bunmeiron no Gairyaku* (tradução livre, Esboço da teoria da civilização) publicado em 1875 por Fukuzawa, buscará compreender o significado de civilização para o autor e sua importância no contexto de abertura política e econômica do Japão.

Fukuzawa Yukichi (1835 – 1901) nasceu em Osaka, durante o período de reclusão japonês, em uma família de samurais de baixo nível hierárquico (NISHIKAWA, 1993). Ele iniciou seus estudos de holandês em Nagasaki, em 1854, e posteriormente abriu uma escola de estudos holandeses, que se tornaria a primeira universidade particular do Japão em 1858. Fukuzawa também viajou para a Europa, Estados Unidos, Índia, Hong Kong e Egito em missões diplomáticas antes da Restauração Meiji, em 1868, e estudou a história japonesa, chinesa e ocidental, principalmente da França, Alemanha, Inglaterra e dos Estados Unidos (TAKENORI, 2008). Essas experiências foram fundamentais para a construção do pensamento de Fukuzawa sobre a história japonesa e o processo de desenvolvimento em que o Japão se inseria.

Fukuzawa escreveu diversos livros, artigos em revistas e jornais científicos, mas possivelmente suas maiores obras de impacto no Japão foram: *Seiyo-jijo* (em tradução livre, Condições no Ocidente) em 1862; *Gakumon no susume* (em tradução livre, Um incentivo ao aprendizado) 1872 – 1876; e *Bunmeiron no Gairyaku*.

Diferentemente de outras obras previamente escritas pelo autor, Fukuzawa direciona sua escrita para intelectuais que possam influenciar a economia e para estudiosos nacionais, incluindo confucionistas e teóricos ocidentais (TAKENORI, 2008, p. 15-16). Seu objetivo é discutir as condições presentes no Ocidente e suas aplicabilidades necessárias para o Japão, a fim de conscientizar as diversas escolas de pensamento sobre a importância do desenvolvimento civilizacional (TAKENORI, 2008, p. 15-16). O principal interlocutor de seu trabalho é Taguchi Ukichi, que posteriormente publica *Nihon Kaika Shōshi* (em tradução livre, Pequena história da civilização do Japão), baseando-se em teorias civilizatórias europeias e de Fukuzawa (NAGAHARA, 2003 *apud* EHALT, 2013, p. 121). Com dez capítulos, *Bunmeiron no Gairyaku* (1875) apresenta as ideias combinadas de Fukuzawa sobre como ele acreditava que a sociedade e a independência japonesas deveriam ser desenvolvidas. O autor utiliza leituras de autores positivistas como Buckle e Guizot para compreender a sociedade japonesa, comparando-a com a história europeia ocidental e construindo seu próprio conceito de civilização.

Tendo vivido nos anos finais do período Tokugawa e no início da Restauração Meiji, e experimentado a vida no Ocidente, Fukuzawa propõe para o Japão um caminho de desenvolvimento baseado em estudos, ideias e teorias ocidentais. No entanto, o autor deixa claro que seu objetivo não é simplesmente transplantar as condições do Ocidente para o Japão, mas sim compreender as novas teorias e adaptá-las ao contexto japonês da época.

Fukuzawa utiliza os primeiros sete capítulos de *Bunmeiron no Gairyaku* como uma introdução para que os leitores compreendam as teorias presentes no restante do livro, mas esses capítulos também servem como base para entender o contexto japonês em que o autor vivia. Segundo Fukuzawa, é necessário estabelecer leis e padrões que possibilitem o estudo e a compreensão do desenvolvimento individual e, por consequência, da sociedade. O autor claramente rompe com a tradição sino-japonesa, que tinha muito mais foco na virtude (moral) para com seus aprendizes (NISHIKAWA, 1993). De forma distinta, ele diferencia a virtude de conhecimento - sendo o primeiro ligado à moral e o segundo ligado à inteligência - e compreende que ambos são importantes para a formação privada e pública do indivíduo (FUKUZAWA, 2008).

Os capítulos oito e nove são focados respectivamente em uma breve escrita sobre a história civilizatória ocidental e a história civilizatória japonesa. No oitavo

capítulo, muito mais do que escrever toda história ocidental, seu trabalho é basicamente uma compilação do *The History of Civilization in Europe* (1828) de François Guizot, com algumas inserções de outros escritores, como propriamente coloca o autor no início do texto.

É no nono capítulo que Fukuzawa escreve sobre a história japonesa e as origens de sua civilização. Fukuzawa discorre, através de um texto de aproximadamente 50 páginas, sobre a história japonesa em uma linha cronológica, mas com um foco para a dualidade de “comandante” (*ruler*) e “comandado” (*ruled*), reafirmando uma comparação com a história europeia, que segundo ele, teria atingido a liberdade perante a multiplicidade, que não estava presente no contexto japonês.

Para utilizar um exemplo, pegando metais como ouro, prata, cobre e ferro, fundindo-os juntos você teria um resultado que não seria ouro, nem prata, nem cobre ou ferro, mas sim um componente que preservaria certo equilíbrio entre os variados elementos, e no qual cada um adiciona força ao outro. É assim que é a civilização ocidental. A cena japonesa prova ser um tanto quanto diferente. [...] Era como se os elementos do ouro, prata, cobre e ferro não pudessem ser fundidos em uma matéria. Mesmo se combinadas em uma matéria, era sem equilíbrio entre os elementos (FUKUZAWA, 2008, p.175, tradução nossa).

Parece que para o autor um dos problemas para o desenvolvimento da sociedade japonesa em uma civilização, ocorreu parcialmente pela falta de pluralidade no desenvolvimento de teorias no decorrer da história japonesa. Apesar da existência de múltiplas camadas sociais, religiosas, econômicas durante a história japonesa, faltaria aí, uma equidade e possibilidade de mesmas condições para os mais diversos grupos que compuseram as épocas.

Para finalizar, o último capítulo trata sobre a independência nacional japonesa, comparando tanto o Ocidente com o Japão, quanto vice e versa. Diante da leitura, a visão de Fukuzawa quanto a Europa é pautada em preceitos de liberdade e igualdade, partindo do princípio de que a Europa e o Ocidente já tivessem atingido este patamar de liberdade e igualdade, cabendo agora ao Japão fazer o mesmo.

Trabalhar com a história japonesa no Brasil requer grande disposição para revisão de bibliografias e fontes acessíveis escritas em língua portuguesa e principalmente estrangeira. A demanda pela história do Japão ainda é bem menor em comparação com as pesquisas referentes aos palcos tradicionais da historiografia brasileira. É ainda mais difícil encontrar materiais em português referentes à historiografia japonesa, um campo que ainda é pouco desenvolvido aqui. Assim, este trabalho insere-se no campo de trabalhos relacionados à história japonesa para

ampliar as produções relacionadas ao tema, fomentar o interesse pela temática e auxiliar futuras pesquisadoras e futuros pesquisadores que venham trabalhar com a historiografia japonesa.

A historiografia japonesa teve um papel fundamental na constituição e construção da identidade nacional, onde não somente intelectuais, mas também o governo, voltaram seus olhos para a história a fim de constituir uma narrativa que abrangesse o contexto japonês da Restauração Meiji (1868). Ao compreender essas ideias no período de troca de eras - Tokugawa para Meiji - é possível ampliar a visão do contexto japonês a partir de 1868 e seus efeitos na sociedade dentro e fora do Japão. A leitura de *Bunmeiron no Gairyaku*, como fonte direta do período, possibilita compreender as ideias e os conflitos presentes no pensamento japonês, como a busca pela quebra com a tradição chinesa, a substituição pela novidade europeia e a ruptura com o passado em prol de um futuro "civilizado". A escolha de Fukuzawa como fonte ocorre devido à sua importância e presença intelectual e política no contexto japonês, assim como ao fácil acesso à sua obra. Desde 2008, *Bunmeiron no Gairyaku* pode ser encontrada totalmente traduzida para o inglês, o que expandiu o número de leitores e pesquisadores que desejam estudar a obra.

Dentro do meio intelectual japonês da Restauração Meiji, Nagahara (*apud* EHALT, 2013, p. 120-121) classifica as correntes de pensamento concomitantes em quatro diferentes grupos: confucionistas e o pensamento tradicional já presente no período anterior japonês; estudiosos sobre a dinastia Han (206 AEC - 220 EC), com premissas na tradição chinesa da dinastia Qing (1644 - 1912); xintoístas, formado por intelectuais não ligados aos governos anteriores; e por último, o grupo de que Fukuzawa fez parte, que buscava, através da história civilizatória, uma solução para o problema - a falta de civilização, para Fukuzawa - que o Japão estava passando (NISHIKAWA, 1993).

Com o auxílio de autores que realizaram a leitura de obras em japonês, foi possível ampliar o espectro da pesquisa. É importante buscar bibliografia específica e argumentações variadas relacionadas ao tema, principalmente por ser pouco pesquisado no Brasil. Autores estrangeiros, como Stefan Tanaka, doutor em História Japonesa pela Universidade de Chicago, ofereceram grande ajuda sobre o processo de "modernização" no Japão. Seus livros, *New Times in Modern Japan* (2004) e *History without Chronology* (2019), nos quais aborda a modernidade e a

temporalização do tempo no Japão,¹ são importantes fontes de consulta. Tanaka também escreveu muitas resenhas críticas sobre diversos autores que pesquisam sobre a questão japonesa, possibilitando novas pesquisas na área. O livro *New Times in Modern Japan* aborda, em seis capítulos, a noção de tempo e sua passagem, o conceito de história, cronologia, passado e suas funções, dentre outros, na perspectiva do Japão pós-Restauração Meiji. Para este TCC, o primeiro capítulo deste livro foi decisivo. Nele, Tanaka escreve sobre as funções do passado no Japão do século XIX e suas noções, além das percepções sobre o papel de Fukuzawa e suas obras, visto que ele carrega impacto na transição de pensamento nacional japonês.

Margaret Mehl é uma professora e pesquisadora de origem alemã que estudou história japonesa desde sua graduação, possuindo pesquisas com foco em história e historiografia japonesa. Seu livro *History and the State in Nineteenth-Century Japan* é o seu principal trabalho consultado para este TCC. Nele, a autora estuda a relação entre a história e sua escrita com o papel do Estado em posse dessa história e seus usos. Mehl propõe, em sete capítulos, escrever sobre o trajeto do domínio da história perante o Estado japonês e seus processos, desde a organização do Escritório de Escrita Histórica até a formação do Instituto Historiográfico da Universidade Imperial de Tóquio. Embora não trate exclusivamente de Fukuzawa, seu livro transpassou o período em que ele escreveu, sendo *History and the State in Nineteenth-Century Japan* fundamental para compreender o processo de Restauração tomado pela Era Meiji e sua preocupação com a reformulação da identidade japonesa. Além disso, a pesquisa de Mehl garante acesso a ideias de intelectuais japoneses concomitantes a Fukuzawa.

Nishikawa Shunsaku foi pesquisador e diretor do Centro Memorial Fukuzawa de Estudos Modernos Japoneses, na Universidade de Keio, possuindo trabalhos sobre o período e as obras de Fukuzawa. Seus escritos são compostos também por traduções do japonês para o inglês de livros de Fukuzawa, nos quais Nishikawa escreve ainda as introduções e prefácios deles. Nishikawa escreveu em 1993 para uma publicação da UNESCO, um texto intitulado “Fukuzawa Yukichi” no qual ele aborda a vida e trajetória de Fukuzawa, focando principalmente nas suas produções

¹ Em ambas suas obras Tanaka trata do contexto intelectual japonês, mas é em *New Times in Modern Japan* que a temática é mais bem evidenciada. Em *History without Chronology* seu foco está muito mais direcionado para a transição de tempos variados, não lineares, para uma transição forçada para tempos absolutos e lineares.

intelectuais e também, nas experiências que Fukuzawa presenciou no Japão e também enquanto estava em viagem nos Estados Unidos e Europa.

Já no contexto de autoras brasileiras e autores brasileiros, o pouco uso – ou melhor, quase não uso de bibliografia em português, se dá – e constitui também parte dos motivos deste TCC – pela pouca existência da mesma. Tento aqui construir um possível “breve estado da arte” sobre Fukuzawa e sua obra nos estudos brasileiros, mas levando em consideração as limitações, de não abordar os livros em sua totalidade (FERREIRA, 2002).

Podemos encontrar estudos publicados em português com muita dificuldade e no que é possível encontrar, nenhum deles trata somente de Fukuzawa, mas sim, coloca-o dentro de algum tópico mais geral, da historiografia e modernidade japonesas. Rômulo da Silva Ehalt, com seu “Notas sobre o nascimento da historiografia moderna no Japão da Era Meiji” (2013), serve de base para adentrar o cenário da historiografia japonesa do início da Era Meiji. Historiador pesquisador, fez grande parte de sua formação no Japão, onde desenvolveu pesquisas relacionadas ao país, escreveu também estudos em português, possibilitando a ampliação do conhecimento sobre o tema. Como o título de seu artigo indica, “Notas sobre o nascimento da historiografia moderna no Japão da Era Meiji” tem como escopo principal apresentar a leitora, a historiografia japonesa e oferecer recursos intelectuais e bibliográficos de pesquisa. Ehalt descreve, em um panorama geral, a “caminhada” - não linear e unitária - que a história percorreu durante os primeiros anos da Restauração.

Elisa Massae Sasaki contribui para o campo de pesquisa em história japonesa através de diversas publicações que tratam sobre história, sociedade e cultura japonesa. Doutora em Ciências Sociais, Sasaki (2017) traz para a discussão, em *Estudos de Japonologia no Período Meiji*, uma perspectiva interna japonesa sobre os estudos relacionados ao Japão e suas relações com o mundo. Sasaki (2017) é de grande auxílio ao se estudar o período japonês referente ao início da Era Meiji e fim da Era Tokugawa, trazendo para a língua portuguesa, ideias e contextualizações de autores japoneses sobre o período. Não obstante, a autora também trabalha com Fukuzawa em seu texto e aborda suas passagens no exterior e a contribuição para o sentimento civilizacional presente em Yukichi. A obra de Sasaki (2017) descreve, de maneira quase cronológica, a abertura do Japão para o meio intelectual ocidental,

focando mais nas teorias sociais, econômicas, políticas, etc, do que no contato tecnológico.

Levi Yoriyaz é atualmente mestrando na Universidade Estadual de Campinas e pesquisa sobre Japão desde sua graduação, na qual contribui com temas relacionados à cultura nipônica. Seu texto “Uma análise genealógica das narrativas historiográficas no Japão no final do século XIX para o XX (1875-1905)” de 2020, aborda uma temática que se aproxima da pesquisa deste TCC, pois se trata de um estudo baseado nas correntes historiográficas presentes no final do século XIX japonês. Ele apresenta os principais movimentos intelectuais - citados também por Ehalt (2013) - e com um embasamento foucaultiano tenta compreender os movimentos e diálogos destas correntes, muito mais, do que necessariamente descrevê-las e caracterizá-las profundamente.

É de extrema importância para a discussão sobre a construção do pensamento historiográfico japonês a partir da Restauração Meiji, compreender a estrutura social, econômica e política do período para assim também compreender seus conflitos e necessidades intelectuais (SAKURAI, 2018). O fim de uma era em que o território japonês estava “fechado” para o exterior durante o período Tokugawa, trouxe uma quantidade de reformas que contribuíram para uma ruptura, aqui utilizando a terminologia de Koselleck (2006), entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa. Essa ruptura abriu um ponto de discussão teórica e política para reconstruir – mesmo que em alguns casos ainda utilizando os conceitos confucionistas chineses – a história e identidade japonesas (EHALT, 2013).

Dentro deste panorama de disputas, é possível perceber a presença de grupos distintos que debatiam dentro de seus estudos, suas ideologias. É nesse contexto, que o governo japonês recém-detentor do poder denomina cargos e cria ministérios na finalidade de construir e validar a história japonesa nacional e oficial para se legitimar e alocar sua posição na sucessão de poderes (MEHL, 1998). Não seria aqui a primeira vez que o governo detém os meios de escrita da história, durante diversos períodos o Japão teve como papel da história, registrar os feitos e eventos durante o domínio do governo, seguindo a tradição chinesa de escrita dentro das paredes das infraestruturas governamentais.

Existe uma disputa pela história e pela sua escrita, que mexe com a historiografia japonesa durante o período de Restauração Meiji e na sequência de construção nacional e posterior império japonês. O foco deste TCC apoia-se no estudo

relacionado à obra de Fukuzawa (1875) onde o autor parte de um contexto civilizatório, profundamente alicerçado nos fundamentos teóricos europeus do século XVIII e XIX (SCHNEIDER; TANAKA, 2011). Fukuzawa apresenta o que parece um grande desvio com o passado existente japonês, no qual a perspectiva tradicional chinesa de passado, voltada para a descrição da sucessão e feitura de governantes, era prioridade na escrita da história japonesa. Em busca de encaixar cronologicamente e adequar o Japão à história ocidental, criticava os anos anteriores que não passavam de descrição da passagem de líderes (TANAKA, 2004). É interessante compreender como a “modernização ocidental”, vivenciada por Fukuzawa juntamente de suas experiências no período Tokugawa, evidenciam uma quebra – e busca – de identidade.

Tanaka (2019) apresenta a importância da mudança na temporalidade e percepção de tempo passado, a aplicação do tempo absoluto de Isaac Newton na historiografia, um caráter extremamente desenvolvimentista, tratando a cronologia, como base para comparação e fixação do passado, no passado estático. Como aponta o autor, a cronologia como utilizada pelos modernos, delimita e limita o passado ao passado, além de categorizá-lo como inferior e dependente - enquanto razão existencial - do presente. Essa busca por um passado em prol do presente, com vista a um desenvolvimento culminado no futuro, tem influência no pensamento de Fukuzawa, que não vê a China ou o Japão pré-moderno como referências para o processo de civilização, mas sim o Ocidente.

O desenvolvimento das ideias - confucionistas, xintoístas, neoconfucionistas ou civilizatórias - surgem de intelectuais participantes de uma sociedade estratificada e que fazem parte de suas camadas mais altas. Eles propõem caminhos para o Japão pós Restauração Meiji, . Tendo este recorte temporal e social realizado, este TCC não utilizará das visões existentes nas mais diversas camadas sociais da sociedade japonesa. Além disso, é necessário ter em mente que a produção historiográfica japonesa era de predominância masculina, delimitando ainda mais as ideias estudadas.

Tendo como fonte primária o livro *Bunmeiron no Gairyaku* escrito por Fukuzawa em 1875, este TCC teve como foco principal os capítulos 8, 9 e 10, onde o autor discorre sobre a história do que ele considera ocidental e o que ele considera ser a história japonesa, construindo um parâmetro de comparação entre as duas (Europa e Japão). Nesse sentido, o livro de Fukuzawa é de extrema importância para

compreender esse fenômeno de intersecção de ideias, principalmente por se tratar de um dos expoentes de sua época.

O primeiro capítulo deste TCC aborda o período de institucionalização da história japonesa, juntamente das características políticas e econômicas que envolveram a Restauração Meiji. Neste capítulo, a ideia é apresentar uma breve contextualização do momento japonês relevante para a discussão sobre Fukuzawa. Já no segundo capítulo, o foco é nos contatos entre o Japão com o Ocidente², e as trocas intelectuais ocorridas. Apesar de focar em Fukuzawa, o capítulo também apresenta outros autores e obras ocidentais que entraram no Japão pré-Restauração. A ideia é tornar evidente os impactos que as leituras e viagens de Fukuzawa tiveram em seu pensamento. O terceiro e último capítulo, apresenta trechos de *Bunmeiron no Gairyaku*, tentando entender o que o historiador japonês entendia como civilização e suas finalidades e a sua teoria da civilização é pensada juntamente de outros autores, com a finalidade de compreender melhor o seu uso.

² Fukuzawa escreve sobre países como EUA, França, Alemanha, Itália entre outros, mas os coloca como Ocidente. Inclusive, utiliza a palavra 西洋 (seiyō) que tem nos caracteres: 西 (sei) Oeste + 洋 (yō) estilo ocidental, que quando juntos formam: O Ocidente ou então Países Ocidentais.

CAPÍTULO 1: HISTORIOGRAFIA NACIONAL JAPONESA E A BUSCA POR UMA NOVA HISTÓRIA

Diferentemente da divisão europeia ocidental de tempo, em que se classificam os períodos em antigo, medieval, moderno etc, a divisão temporal japonesa divide a história do Japão com outras nomenclaturas. Normalmente, a separação de épocas em ciclos de regência. Uma destas eras, que são importantes para compreender o trabalho de Fukuzawa e sua obra, é a Era Meiji, que acontece após a abertura forçada do Japão para o mundo ocidental em 1868 (SAKURAI, 2018). O pós-Era Meiji é um ponto de interseção entre Europa, Estados Unidos e Japão, sendo assim importante compreender as mudanças nas propostas de integração realizadas. Portanto, este capítulo tem como foco principal as mudanças entre a relação da escrita da história com o governo na Restauração Meiji. Através da institucionalização da escrita da história, o governo nipônico exhibe pretensões de consolidar seu poder e legitimar a retomada da administração ao Imperador, após anos do domínio shogunal do período Tokugawa (1603 - 1868) (MEHL, 1998).

Dentro do Departamento para compilação da História Nacional, ainda havia muita dúvida sobre a metodologia a ser seguida. A disputa entre diferentes escolas de pensamento contribuiu para um ambiente de caminhos distintos para o rumo da história. Fukuzawa é um dos membros fundadores da *bunmeishiron*, organização voltada para estudar, através da investigação do passado, a civilização japonesa e como ela se desenvolveu (MACFARLANE, 2013, p. 48). Ele se insere em um dos grupos de teorias e ideias que estavam formando-se, que não está ligado diretamente ao governo e não participa da construção das histórias nacionais, mas seu trabalho no período dialoga com esse momento de dúvidas para o futuro, com embasamento em um passado a ser definido.

Este capítulo é uma introdução ao ambiente oficial da escrita da história e pretende exemplificar através dos primeiros anos da institucionalização da mesma, a abertura para que teorias fossem desenvolvidas, com intuito de guiar o Japão. Esse contexto oferece a Fukuzawa espaço para escrita de sua teoria civilizacional do desenvolvimento japonês, não ligada ao governo, mas dialogando com os demais intelectuais que, atuando junto ao governo, imaginariam o futuro japonês.

Após a ascensão do Imperador Mutsuhito ao poder, em 1852, o governo japonês se vê exposto a um mundo do qual esteve fora durante um longo tempo devido ao processo de isolamento, iniciado em 1633, com a proibição de saída para

Europa e, em 1639, a proibição de entrada de estrangeiros em solo japonês (SAKURAI, 2018, p. 122 – 124). Mutsuhito inicia uma série de medidas para a “atualização” japonesa ao mundo ocidental e sua modernidade ocidental, que não se aplicava ao contexto japonês da época.³ Em 1868, primeira década da Era Meiji, foram exercidas medidas econômicas, que buscavam a ampliação do mercado e poder centralizado, com a instalação de estradas de ferro, Ministérios, Banco Nacional, Bolsa de Valores e o fortalecimento de setores privados da sociedade. Com as reformas econômicas voltadas a mudanças no campo, que geraram a substituição dos feudos por prefeituras, que faziam parte do governo e prestavam suas contas à estas; o pagamento de impostos monetários; o arrendamento de terras, a década de 1860 pode ser considerada o fim do feudalismo japonês.⁴ Estes impostos coletados seriam força para movimentar e fazer o crescimento das indústrias japonesas, que tinham seu foco voltado para o ramo da fiação, processamento de alimentos e bebidas, máquinas e motores e construção de portos, ferrovias e centrais elétricas (SAKURAI, 2018).

Enquanto isso na esfera social, familiar e educacional, o foco é desenvolver, e diretamente guiar a sociedade para uma identidade nacional e a criação e consolidação da nação japonesa (SAKURAI, 2018, p. 139-150). No âmbito da escrita da história, a quantidade de mudanças não foi menor. Durante os primeiros anos da nova Era, o debate historiográfico ascendia em diversas camadas de intelectuais e nos meios oficiais. Segundo Nagahara, nesta fase do contexto histórico japonês, é possível organizar os historiadores em quatro grupos distintos, que defendiam ideias diferentes para o caminho da história. A escola de pensamento nacional, seguindo a tradição historiográfica confucionista da era anterior, exerceu grande influência na constituição educacional do Japão Imperial após a Restauração. Como seu principal representante, Motoda Nagazane, teve contato direto com o Imperador japonês, tendo trabalhado como seu conselheiro e auxiliando na formulação das diretrizes para a educação (NAGAHARA, 2003 apud EHALT, 2013, p. 120-121). Para Eom (2021, p.2), a corrente confucionista de Motoda fazia menção à continuação das tradições

³ A questão de “modernidade” e participação japonesa no mundo ocidental e sua adequação podem ser aprofundadas no texto de Carol Gluck que questiona e reflete sobre a ideia de modernidade aplicada ao Japão da Era Meiji. (GLUCK, 2014, p. 15-37).

⁴ Novamente, a discussão sobre o período do século XI ao século XIX poder ser caracterizada como um feudalismo em território japonês pode ser mais bem compreendido e aprofundado no texto de (SANTOS, 2014. p. 39-60).

hierárquicas japonesas - vindas da China - no contrapelo das tendências de modernidade e revolução, além de defender a linhagem imperial como exemplo de virtudes.

Outro grupo partia de princípios chineses da filologia Han, com estudos baseados nas escolas de pensamento construídos durante a dinastia Qing Chinesa (1644 - 1912). Tinham como propósito, rever a história sem o apego ao misticismo, dos quais julgavam pertencer ao Confucionismo tradicional. Shigeno Yasutsugu e Kumi Kunitake podem ser referenciados como dois representantes importantes desta escola de pensamento, além de fazerem parte das diversas propostas de oficialização da história japonesa, ao longo dos primeiros anos da Era Meiji (NAGAHARA, 2003 apud EHALT, 2013, p. 121), como será visto mais a frente.

O terceiro grupo disputava uma história muito mais religiosa, baseada nos preceitos de Hirata Atsutane (1776 - 1843), intelectual que inspirou diversos sucessores (HANSEN, 2009, p. 1), que buscavam retomar os preceitos xintoístas para o Estado japonês (NAGAHARA, 2003 apud EHALT, 2013, p. 121). Os ensinamentos de Atsutane, focaram em manter a tradição japonesa como superior perante todo material intelectual estrangeiro, fazendo a ligação entre “deus” (*kami*) e os japoneses, como principais sucessores deste, sendo superiores perante os outros Estados (HANSEN, 2009, p. 2). Nagahara (2003 apud EHALT, 2013, p. 121), os coloca como a direita da academia japonesa e como defensores dos preceitos religiosos como base para a história japonesa.

O quarto e último grupo era composto por intelectuais que compreendiam a história em uma visão universal e desenvolvimentista. Para este último grupo, a história deveria focar-se muito mais em constituir-se em uma história universal cosmopolita, ou então, uma história dos Estados desenvolvidos, fazendo parte do grupo dominante e não dominado. Deste grupo – importante para o mesmo e também para este trabalho –, Fukuzawa Yukichi contribuiu para o debate intelectual da época e principalmente para a construção do desenvolvimento da identidade nacional japonesa como pertencente a um mundo “civilizado” (NAGAHARA, 2003 apud EHALT, 2013, p. 121).

Através da leitura de Schneider e Tanaka (2011, p. 495 - 496), e com embasamento em Nagahara (2003 apud EHALT, 2013, p. 120 - 121), é possível compreender no panorama nipônico uma vontade geral de tomar a frente em constituir a melhor maneira para compreender a história do Japão. Há uma divisão dicotômica

entre o que podemos classificar como “tradicionais e modernos” - que antecede a organização posterior para estudo - projetos conservadores contra projetos liberais/modernos, com premissas que partem respectivamente, da aproximação da tradição e perpetuação da mesma como validação da história, para o abandono / não consideração do passado, para reformulação (EHALT, 2013, p. 121).

O novo governo japonês recém-assumido no poder, culminado nas mãos do Imperador, busca também centralizar e escrever a história oficial japonesa. Após a Restauração Meiji, tal era a preocupação do governo com a escrita, identificação e posse de registros históricos, que em 1869 é criado no Japão o *shiryō henshū kokushi kosei kyoku* (em tradução livre, Departamento para compilação da História Nacional). Com o intuito primário de resgatar as ideias e tradições imperiais anteriores ao período Tokugawa, retomando a continuidade historiográfica imperial, “(a historiografia) deveria ser revivida em honra ao imperador” (MEHL, 1998, p.18).

O governo japonês aliado a intelectuais de diferentes escolas de pensamento - nacional, Confúcio e chinesa,⁵ usam como base duas grandes e principais obras de histórias oficiais japonesas: *rikkokushi* (em tradução livre, As seis histórias nacionais) e *dainihonshi* (em tradução livre, História do Grande Japão). A primeira delas é a uma compilação da história do Japão, registrando acontecimentos desde o período mítico japonês até o ano de 887, escrita a pedido do governo imperial, iniciada no século VIII e sendo finalizada no século IX (ver SAKAMOTO, 1991). A segunda, iniciada no século XVII a mando de Tokugawa Mitsukuni, continha uma compilação da concebida história japonesa, desde seus tempos iniciais, e foi concluída somente na Era Meiji, em 1905 (ver WEBB, 1960). Essas duas obras serviram de base para continuar o trabalho de registro da história (MEHL, 1998, p.18-19).

Menos de um ano após sua inauguração, o Departamento para compilação da História Nacional foi fechado e teve seus funcionários transferidos para outros setores do governo. Para Mehl (1998, p. 20), é provável que a falha do Departamento em ter sucesso, estava na diferença e discordância entre membros da escola nacional e da escola chinesa presentes em sua constituição. Aliado a isso, a recém ascensão ao poder do Imperador e a presença de mudanças estruturais na política, economia, educação, podem também ter afetado, através dos problemas de legitimação, luta

⁵ Para saber mais sobre todos os pesquisadores envolvidos na proposta de criação, seus cargos e papéis dentro da criação do Departamento, conferir, (MEHL, 1998).

contra oposição e busca por apoio popular - de maneira a acelerar a organização da história - a urgência dedicada à história nacional. Por outro lado, mesmo com outras preocupações derivadas da recente Reforma Meiji, após anos de domínio shogunal, a corte imperial tinha noção que precisava da identificação e legitimação de uma história nacional para conectar o seu presente - e futuro - com o passado e gerar uma linearidade entre os governos e seus constituintes - o povo. Exemplo disso é o fato de que mesmo após o fechamento do Departamento, o governo direciona ao conselheiro de Estado, que escreva a história sobre a Restauração Meiji, chamada de *fukkoki* (em tradução livre, Crônica da Restauração) que teve posteriormente sua execução herdada para o Departamento de História. (MELH, 1998, p. 21).

Junto com a criação do Departamento para compilação da História Nacional, é possível classificar a trajetória da oficialização da história nacional por parte do governo japonês em mais três períodos. Após três anos da abertura e encerramento do Departamento, é criado em 1872, junto ao mais alto Departamento do governo, o *rekishika* (em tradução livre, Departamento de História) com intuito de novamente coletar textos e documentos históricos referentes ao Japão (MEHL, 1998, p. 21-22), sendo uma tentativa de centralizar o governo, validar sua hegemonia e conseguir lidar com os problemas administrativos, principalmente em relação à cobrança de impostos. O Departamento de História é incumbido de compilar⁶ a História⁷ Nacional Japonesa, traçando uma linearidade entre o passado japonês, com o atual presente, mas suas funções reais ficaram muito mais restritas ao trabalho administrativo e arquivístico, do que na produção historiográfica (MEHL, 1998, p. 23).

As tentativas falhas de compilar e dominar a história nacional - seja por disputas ideológicas dentro do Departamento para compilação da História Nacional, ou por falta administrativa dentro e fora no Departamento de História - contribuíram para o atraso na escrita da história. Após um período conturbado no governo, com mudanças nas lideranças, descontentamento popular e dificuldades em governar o recém-aberto Japão,⁸ em 1875, finalmente a história japonesa começa a ser

⁶ Além da tarefa inicial de coletar e servir como arquivo dos documentos vindos das prefeituras. (MEHL, 1998, p.21 - 23).

⁷ Coloco aqui "História" com H maiúsculo, para enfatizar o teor de história única, singular e linear na construção da identidade nacional para validação de seu poder, que buscava o governo japonês.

⁸ O Governo japonês passou durante estes anos, por diversos problemas que levariam a mudanças em suas lideranças e organização estrutural. Para mais informações ver, (MEHL, 1998) e (VLASTOS, 1989. p. 367 - 431).

compilada e escrita. O Departamento de História passa por uma repaginação na sua organização, número de escritórios e funções definidas, e é anunciado como *shuushikyoku* (em tradução livre, Escritório de Historiografia), com uma nova organização e escritórios ramificados e ordenados para a produção da História do Japão. Na sua constituição, faziam parte diversos estudiosos ligados ao governo, que na sua maioria haviam trabalhado em outros cargos e Departamentos anteriormente, compondo assim os quatro Departamentos do Escritório de Historiografia (MEHL, 1998, p. 24). Dois dos departamentos eram responsáveis por organizar a história nacional, um deles deveria completar a *fukkoki* (em tradução livre, Crônica da Restauração), e o outro continuar o trabalho sobre a genealogia imperial (MEHL, 1998, p. 35).

Para continuar a tarefa de escrita da Crônica da Restauração, brevemente iniciada em 1872 no Departamento de História, ficaram com a responsabilidade dois dos quatros setores do Escritório de Historiografia , enquanto que outros dois Departamentos pretendiam focar na escrita da História nacional. Com o intuito de escrever e organizar a história nacional, foi enviado pelo Escritório de Historiografia ao governo japonês um documento remetendo as preocupações e ambições dos historiadores que escrevem a História. O documento apresentava a necessidade de uma história oficial e padronizada no Japão, juntamente com a organização e estruturas bem definidas da escrita da história. Para que fosse possível compilar a história nipônica, Mehl destaca a preocupação do Escritório de Historiografia com a veracidade e confiabilidade dos eventos históricos já registrados, principalmente durante os períodos de regência shogunal (MEHL, 1998, p. 24).

No âmbito da história oficial, a história é concebida com um cuidado quanto a necessidade de definição historiográfica referente ao método de escrita desta que se planejava para o Japão. Entra em campo o descrédito pelo passado, apesar de o Escritório de Historiografia depender deste passado escrito, para continuar a linearidade e confirmar sua legitimação. Como coloca Mehl (1998, p. 24), o cuidado perante a veracidade provém principalmente dos fatos registrados no período Kamakura (1185 - 1333), que ficou conhecido por ser a primeira Era de domínio do shogun em detrimento do poder imperial. Ela seria também uma preocupação no Escritório de Historiografia, que não queria escrever uma história que exaltasse o poder “feudal”, recém derrotado.

Mesmo com setores de escrita e compilação da história definidos e mais organizados, com conferências bianuais de percurso na produção da história, além de maior espaço, investimento e pessoas envolvidas no projeto, o Escritório de Historiografia é fechado em 1877 (MEHL, 1998, p. 25). Novamente, mais uma organização acontece e o escritório passa para o *shushikan* (em tradução livre, Colégio de Historiografia), que recebe diversos cortes em sua estrutura física e intelectual, com recursos sendo uma necessidade constante. Durante seu período de existência, no início da década de 1880, reformas internas ocorreram decorrentes dos problemas administrativos dos quais o Japão passava novamente (MEHL, 1998, p. 26), e mais uma vez no fim da década, a tarefa de organizar e escrever a história nacional japonesa é transferida pelo governo para outro lugar. Somente em 1888 é que ocorre a oficialização do Departamento relacionado à história nacional para o *rinji hennenshi hensan kakari* (em tradução livre, Departamento Temporário para Compilação Cronológica da História), na Universidade Imperial (MEHL, 1998, p. 33) - a atual Universidade de Tóquio -, com o nome de *Tōkyō daigaku shiryō hensan-jo* (em tradução livre, Instituto Historiográfico).

Este breve resumo⁹ sobre a inquietação governamental japonesa com a institucionalização da história, através da criação de Departamentos responsáveis pela escrita e compilação da mesma, denotam suas preocupações quanto à sua legitimidade e estabilidade governamental. Através da construção e perpetuação de uma identidade nacional genealógica, ou seja, ligada com o passado de reinado imperial japonês, a formulação da história cronológica funcionaria como chave. Seria também, uma maneira de retomar a tradição dinástica chinesa,¹⁰ herdada há muito pelo Japão, onde o registro histórico era feito pelo governo.¹¹ As principais correntes de pensamento estavam entre estudiosos ligados ou à *kangaku* (em tradução livre, Escola Chinesa de Pensamento) - citados anteriormente dentro dos quatro grupos divididos por Nagahara (apud EHALLT, 2013) - ou então, a escola nacional de base confucionista - também citada anteriormente - ambas com foco na compilação e escrita cronológica da história, mas com diferenças quanto sua forma, análise e

⁹ Reitero novamente que para um estudo aprofundado e detalhado dos variados pontos referente a trajetória da institucionalização governamental da história no Japão, recomendo a leitura do livro de Margareth Mehl, que aborda o tema com perscrutação. (MEHL, 1998).

¹⁰ Para uma abordagem mais aprofundada, ver WOOLF, 2015, p. 29 - 42.

¹¹ Não excluindo a escrita da história independente, não ligada ao governo, mas a história oficial, provinha diretamente da corte.

também idioma a ser escrito. Tanto Escola Nacional, quanto a Escola Chinesa, o método herdado da tradição chinesa confucionista chamado no Japão de *kooshoogaku* (em tradução livre, Estudo das Conexões) era utilizado na escrita da história. A metodologia consistia, como constata Mehl (1998, p.88), na coleta de grande número de material referente ao tema, para que se pudesse então realizar uma comparação entre eles, em busca de distinguir o que era verdade, do que era mentira, e conferir credibilidade para as fontes organizadas. Mas, ao mesmo tempo, o caminho percorrido pelos Departamentos oficiais, demonstram a falta de unicidade e definição metodológica e historiográfica quanto a forma de constituir a história japonesa. A demora na compilação da história nacional, sofreu com a falta de estruturação e método definitivo durante todas as etapas da institucionalização da historiografia oficial japonesa através dos Departamentos e escritórios oficiais.

Este panorama contribui para compreender o contexto intelectual de direção da história japonesa, pelo qual Fukuzawa estava passando, visto que diversas correntes intelectuais estavam em disputa pelo processo de construção da história. Estavam focados em desenvolver uma história e narrativa nacional que produzisse o pertencimento ao Japão. Fukuzawa, que já estava dentro do debate intelectual - com principal foco na temática de educação - insere uma “nova” perspectiva sobre o caminho japonês para o futuro. Fukuzawa não estava tão preocupado com a legitimação do governo - ao menos, não diretamente - mas sim com a consolidação do poder no Estado Nacional, perante os novos desafios que a Restauração Meiji trouxe com a abertura. Ele escreve sua teoria sobre o desenvolvimento da civilização japonesa através de uma escrita da história diferente de como se propunham as outras três escolas de pensamento. Ao invés de escrever fatos e eventos ligados ao governo, em uma forma de lista com sequências cronológicas, Fukuzawa escreve uma história baseada em preceitos e suas causas que culminaram na sociedade presente (de Fukuzawa).

CAPÍTULO 2: CONEXÕES INTELLECTUAIS ENTRE O JAPÃO E O OCIDENTE

Como foi possível perceber no Capítulo 1, a disputa pela escrita da história e pelas metodologias ideais para construção de um Estado nacional japonês, movimentaram escolas diferentes de pensamento e também o governo recém empoderado. Mas antes mesmo do Japão passar pela Restauração Meiji (1868) e reassumir o poder para o imperador, durante o período Shogunal Tokugawa, o contato com estrangeiros já acontecia e criou vários impactos que vão influir na modernidade japonesa. Antes do Japão se “fechar” para o mundo externo em meados do século XVII, chineses, coreanos e europeus já faziam trocas econômicas, culturais, diplomáticas, sociais, dentre outras, com o arquipélago. Mesmo com o período de clausura, a entrada de chineses e holandeses continuou existindo, ainda que de forma controlada, possibilitando a circulação de conhecimento de fora, que levantou curiosidade nas camadas intelectuais e técnicas japonesas. Este capítulo traça uma linha entre o contato com o Ocidente a partir do final do século XVIII, tentando estabelecer a proximidade entre o Japão e a Europa e o Japão e os EUA no âmbito intelectual. Pretende-se possibilitar assim, melhor compreensão sobre como ocorre a constituição de Fukuzawa como atuante na escola de pensamento moderno (ocidental) e como ele entendia a necessidade dela.

O contato entre o Japão e o Ocidente ocorre desde muito antes do século XIX, com forte presença de missões jesuítas durante os séculos XVI. Contudo, durante o período de reclusão do Japão, apesar de o contato internacional ter sido em menor intensidade, continuou e contribuiu para mudanças estruturais no meio intelectual nipônico. Sob verificação e inspeção direta do Shogun e de seus oficiais, a ilha de Dejima¹² permanece como ponto oficial de desembarque holandês para trocas comerciais (NISHIKAWA, 1993, p. 495). Através deste posto de contato com o exterior - especificamente com holandeses - material intelectual holandês adentra o Japão após 1640, sendo a medicina e as ciências naturais as principais áreas a fazerem caminho no arquipélago (NISHIKAWA, 1993, p. 495).

Com a presença de manuais médicos e textos científicos holandeses em território japonês, o interesse pela compreensão e assimilação desse conhecimento dentro do círculo intelectual nipônico ganha forças. Os *rangaku* (em tradução livre, Estudos Holandeses) têm como um dos marcos iniciais a tradução para o japonês do

¹² Foi uma ilha artificial construída em Nagasaki.

Tafel Anatomia, feita por Sugita Gempaku (1733 - 1817) em 1774, sobre anatomia e ciências médicas (HIRAKAWA, 2008, p. 435). Através dos estudos medicinais em holandês, as leituras científicas se movimentaram para diferentes áreas do conhecimento, expandindo-se para aprendizados da língua, militares, geografia, física, química, astronomia (HIRAKAWA, 2008, p. 435) e posteriormente, na política e história. O avanço nas pesquisas e a continuidade do contato - limitado - com o exterior, proporcionou material de estudo, que ao longo do período Tokugawa, fomenta ainda mais o interesse pelos estudos sobre o Ocidente e sua aplicação (HIRAKAWA, 2008, p. 436).

A título de exemplificação do crescente interesse pelos livros do Ocidente e os conhecimentos científicos atrelados aos mesmos, Hirakawa (2008, p. 436 - 437) destaca um trecho de *rangaku kotohajime* (em tradução livre, O início dos estudos holandeses), escrito em 1815 também por Sugita, no qual o intelectual japonês comenta sobre sua percepção sobre o assunto:

No presente, os estudos holandeses estão em voga no Japão. Apesar de que os ignorantes entre o povo elogiem e admirem esses estudos de maneira muito exagerada, aqueles que tenham decidido segui-los, o fazem avidamente. Refletindo sobre o início dos estudos holandeses, eu percebo que naqueles dias, eu e mais dois ou três amigos decidimos começar, quase que no impulso do momento. Perto agora dos quase 50 anos desde o ocorrido, e que surpresa! Quando começamos, nem nos meus mais distantes sonhos, pensei que os estudos holandeses atingiriam a popularidade de hoje em dia (HIRAKAWA, 2008, p. 436-437, tradução nossa).

A assimilação perante o conhecimento exterior, também pode ser compreendido no contexto social-intelectual japonês, como uma característica já presente no arquipélago, desde muito antes da chegada dos europeus na ilha. Sendo o Japão um pequeno território perante o massivo domínio chinês no continente asiático, a importação de material intelectual - sem falar do cultural, social, etc - ocorreu com muita frequência, inclusive durante o período de contato com o Ocidente e no período de reclusão (HIRAKAWA, 2008, p. 436). Segundo Hirakawa (2008) dentro do círculo intelectual japonês, existia predisposição para compreender e estudar o material ocidental, mas sem necessariamente homogeneizar os conhecimentos prévios, no sentido de apagar o que já conheciam. Desde as etapas iniciais, a importação dos textos chineses passava por uma rigorosa adaptação para a língua japonesa, ao invés de serem lidos como um texto em língua estrangeira.

O resultado, conhecido como *kanbun*,¹³ era um procedimento complexo e complicado, mas que envolvia treinamento intelectual rigoroso em tradução, que tinha como uma consequência a nacionalização de uma língua estrangeira (HIRAKAWA, 2008, p. 436, tradução nossa).

Outro material importante para o entrelaçamento entre os conhecimentos do Ocidente com o do Japão, partiu da lexicografia, ainda durante o período Tokugawa (1603-1868), com diferentes iniciativas para criar dicionários com a finalidade de expandir os horizontes. Hirakawa indica Inamura Sampaku (1758-1811) como expoente da divulgação dos conhecimentos holandeses, através de um dicionário holandês-japonês. Além de dicionários de holandês, posteriormente, dicionários de inglês, francês, alemão, russo - em ambas as direções - foram organizados pelos japoneses (HIRAKAWA, 2008, p. 440-441).

Muitos dos materiais de apoio para construção de dicionários e textos para serem traduzidos para o japonês chegaram a partir da década de 1850 - especialmente com a abertura dos portos pelos Estados Unidos em 1853 - no retorno das missões diplomáticas realizadas pelos governos japoneses antes da Restauração Meiji (SASAKI, 2017, p. 22).¹⁴ Após a abertura forçada do Japão, uma nova possibilidade abria-se no horizonte de expectativa (KOSELLECK, 2006) dos japoneses, que há quase um século obtinham informações majoritariamente através de obras literárias. A oportunidade e vontade de conhecer o exterior e o novo fazem com que diversas missões diplomáticas sejam organizadas com destino à Europa e aos Estados Unidos, principalmente com a finalidade de implementar sua aplicabilidade no Japão.

A primeira missão enviada pelo Japão tinha como destino os Estados Unidos e visava negociar e estruturar um tratado de comércio e parceria entre os países. Além de, em segundo plano, demonstrar o poder adaptativo japonês perante as novas tecnologias, com o acompanhamento da missão pelo *Kanrin Maru*, o primeiro navio japonês movido a vela e a vapor (SASAKI, 2017, p. 24). Depois desta, diversas missões foram organizadas com objetivo de estreitar relações e, principalmente, conhecer o exterior e seus modos de organização para que os japoneses estivessem

¹³ *Kanbun* é composto pelos ideogramas de chinês e escrita, podendo ter uma tradução como “escrita chinesa”. Essa forma de escrita foi estruturada e utilizada pelo círculo intelectual japonês para escrever diversas obras.

¹⁴ Além é claro dos materiais intelectuais que chegavam ao Japão através de estrangeiros, como foi comentado anteriormente.

preparados para a reinclusão ao Ocidente. Sasaki (2017, p. 24) destaca mais cinco viagens diplomáticas com destinos a diferentes países da Europa.¹⁵ Através destas viagens, obras e textos referentes às tecnologias, à filosofia, à história, aos dicionários chegaram ao Japão e fomentaram ainda mais a curiosidade - e podemos dizer também, a preocupação com - pelo Ocidente. Fukuzawa, por exemplo, em uma de suas viagens, foi responsável por trazer o dicionário Webster¹⁶ para o Japão (HIRAKAWA, 2008, p. 441).

Primeiramente através de livros, passando pela experiência empírica, os japoneses - principalmente se referindo ao meio intelectual - entrelaçaram as relações com o Ocidente e difundiram os conhecimentos que consideravam úteis à sua sociedade. Para complementar as possibilidades de contato, outra medida tomada, principalmente após a reabertura, foi a de contratação de estrangeiros para trabalhar no arquipélago, com a finalidade de difundir as ideias buscadas pelo governo nipônico. Um exemplo disso, é noticiado por Hirakawa (2008, p. 469) na descrição de Itō Hirobumi (1841-1909), ministro da indústria no ano de 1873, que via na contratação de estrangeiros na área de engenharia, uma maneira de acelerar o processo de “modernização” do Japão. É importante ressaltar que esta “volta para o Ocidente” tinha como foco o aprendizado do que se considerava útil. A “utilidade” era relacionada a não sucumbir perante os países ocidentais, que já vinham, através da exploração e força bruta, dominando diversas áreas do globo.¹⁷ No campo da história, Ludwig Riess (1861 - 1928) foi o mais importante pesquisador a ir ao Japão. Riess foi discípulo de Leopold von Ranke (1795 - 1886) e contratado em 1887 com intuito de aplicar os métodos europeus da historiografia e auxiliar em sua disciplinarização (WOOLF, 2005, p. 61).

Fukuzawa participa desta caminhada para o contato com o Ocidente de diferentes maneiras, a principal delas é as suas duas viagens para fora do Japão -

¹⁵ Cito aqui as especificidades de cada missão, como descritas por Sasaki (2017, p. 24). A segunda missão foi em 1862, com destino aos Estados europeus, com o intuito de adiar a abertura de alguns portos japoneses. A terceira, com direção a França, buscava o fechamento do porto de Yokohama. Na quarta, retornam à França e vão para Inglaterra, a fim de combinar a construção do estaleiro e fundição em Yokosuka. Já na quinta missão, na Europa novamente, tem a Rússia como palco para discussão da fronteira entre Rússia e Japão em relação às ilhas Sacalinas. E por fim, na sexta e última missão da Era Tokugawa, participaram da Feira Mundial de Paris.

¹⁶ Dicionário Webster é um famoso dicionário estadunidense ligado a língua inglesa, tendo seu início com trabalho lexicográfico de Noah Webster em 1841 (MERRIAM-WEBSTER, 2022).

¹⁷ Para citar acontecimentos do contexto sociopolítico da Restauração, a derrota da China para o governo Britânico e também, os próprios acordos desbalanceados que o Japão havia feito com o Ocidente (HIRAKAWA, 2008, p. 466).

como citado previamente. Para entender melhor sua conexão com o Ocidente e as contribuições para a construção de sua teoria civilizacional para o Japão, utilizo Nishikawa (1993) para embasar esta ligação. Fukuzawa cresceu em família de samurai de baixo nível, o que possibilitou que fosse educado, além de ter contato com diversos livros da coleção de seu pai. Enquanto jovem, foi iniciado nos estudos chineses e confucianos, seguindo a tradição educacional pré Restauração Meiji. Mas é em 1853, após a chegada do Comandante Perry aos portos japoneses, que Fukuzawa é incumbido por seu irmão de estudar holandês (NISHIKAWA, 1993, p. 494-495), e assim dar início a sua jornada de aproximação com o Ocidente.

Sua origem nas camadas baixas dos samurais da época teve significado na construção de seus pensamentos. Para ele, a marcação de hierarquia e das diferenças sociais, sem possibilidade de quebra, era algo que deveria deixar de existir para uma sociedade que buscava a liberdade pela civilização. Fukuzawa presencia e explícita em sua autobiografia o seu dia a dia como pertencente ao seu clã, denotando principalmente seu descontentamento com a hierarquização, e as dificuldades financeiras e sociais que samurais de baixo nível passavam. Esse background vai ser o primeiro passo para a construção do pensamento de liberdade e civilização buscado por Fukuzawa (MACFARLANE, 2012, p. 9-14). O passado em seu clã serve também de alicerce para colocar seu foco de transformar a sociedade japonesa, ou então, apresentar a teoria por trás da transformação. Seu intuito inicial visa primeiramente o indivíduo, para depois atingir a sociedade japonesa, repudiando a tradição confucionista, que colocava a hierarquia e ligação forçada de indivíduos por títulos como normal e até mesmo como destinada previamente (MACFARLANE, 2012, p. 14 - 17).

Fukuzawa estudou durante os próximos quatro anos de sua vida (1856 - 1860) em uma escola de estudos holandeses liderada por Ogata Koan (1810-1863),¹⁸ onde aprendeu física, química, fisiologia e holandês, também traduzindo livros holandeses sobre construções de fortes (NISHIKAWA, 1993, p. 496). Ainda jovem, quando estava estudando com Ogata, sua fixação pelo conhecimento ocidental é estabelecida. Fukuzawa aprendia holandês e copiava livros europeus sobre ciência, mecânica e engenharia, entre outros. Em sua autobiografia, Fukuzawa descreve quando tivera,

¹⁸ Ogata foi um físico e estudante da escola de estudos holandeses, traduzindo livros de biologia em holandês e sendo líder da escola de Tekijiku que formou Fukuzawa em estudos holandeses. Sua escola se tornou posteriormente em junção com outras a atual Universidade de Osaka (RUBINGER, 2014).

pela primeira vez, contato com os escritos de Faraday acerca da eletricidade (MACFARLANE, 2012, p. 26-27) e como o contato com os livros fizeram com que seu interesse aflorasse.

Eu recebi o livro com olhos famintos... aqui neste novo livro europeu, estava uma explicação completa baseada nas recentes descobertas do grandioso físico inglês Faraday, até mesmo um diagrama de uma célula elétrica. Meu coração foi tomado à primeira vista (FUKUZAWA, 1960, p. 88, tradução nossa).

Fukuzawa se torna professor de estudos holandeses em 1858 e prossegue em 1859 para continuar seus estudos. Chegando em Yokohama se surpreende com a sua incapacidade de compreender a língua utilizada no porto (NISHIKAWA, 1993, 496). Após a abertura forçada pelos Estados Unidos em 1853, o contato com pessoas falantes da língua inglesa aumentou, tomando conta da região portuária, substituindo o holandês. Nesse contexto, Fukuzawa talvez percebendo a possibilidade de crescimento da língua no Japão e futuros tratados com os Estados Unidos e países europeus, se candidata e é aceito para participar da missão estadunidense em 1860. Esta é a viagem na qual Fukuzawa traz o dicionário Webster para o Japão, servindo de base para todos seus estudos sobre a língua inglesa e o Ocidente em geral (NISHIKAWA, 1993, p. 496). Durante sua primeira viagem aos Estados Unidos, Fukuzawa ficou impressionado pelos costumes e modo de vida no Ocidente, ele não se interessava pela tecnologia, máquinas ou afins, estes conhecimentos já haviam sido vistos em livros. Seu foco era estar em contato e conhecer o dia a dia da “civilização” ocidental (MACFARLANE, 2012, p. 28 - 29).

Em 1862 Fukuzawa viaja sob mandato do governo em uma expedição com destino à Europa, onde visitou diversos países no intuito de preparar o Japão para o desenvolvimento. Assim como nos EUA, sua visita à Europa tinha como foco o modo de vida, a sociedade e a política europeias (MACFARLANE, 2012, p. 29-30). Seu objetivo de estudar maneiras, costumes, instituições, entidades, política e economia, ficam bem claros em sua biografia, na qual em diversos momentos ele retoma para falar sobre seu interesse por esses assuntos.

Todas as informações relacionadas a ciências, engenharias, eletricidade, vapor, imprensa, ou aos processos da indústria e manufatura, das quais estavam em meus livros, eu não tinha que adquirir na Europa. Eu não era especialista em nenhum destes campos técnicos, e mesmo que tivesse investigado-os profundamente, eu não poderia ter mais do que uma ideia geral das quais poderia obter nos livros [...] Durante a viagem para Europa, eu tentei aprender os detalhes mais comuns sobre o dia das pessoas de

cultura estrangeira, os europeus não escrevem isso em livros, por ser algo muito óbvio (FUKUZAWA, 1960, p.133 e 154, tradução nossa).

As suas viagens para o exterior possibilitaram a Fukuzawa conhecer um mundo que fugia dos livros dos quais tinha familiaridade. Em cada esquina que dobrava, rua que seguia, prédio que entrava, um novo mundo de informações se fazia presente, para ser investigado por ele. As ideias relacionadas ao Ocidente, como as presentes em seu livro *Condições no Ocidente*, são baseadas nas anotações que fazia durante a viagem enquanto perguntava aos locais sobre o país. Ainda em sua biografia, Fukuzawa descreve o fascínio pelo funcionamento das instituições europeias (MACFARLANE, 2012, p. 30-33).

Por exemplo, quando eu via um hospital, eu queria saber como funcionava, quem pagava as contas; quando visitei um banco, quis saber como o dinheiro era depositado e pago. Similarmente, aprendi coisas sobre o sistema postal e recrutamento militar [...] (FUKUZAWA, 1960, p.134, tradução nossa).

A política o interessava particularmente, tendo vindo de um local que a hierarquia hereditária era predominante, buscou conhecer sobre o parlamento inglês, como operava, o que fazia, seus personagens etc. Ele afirma que apesar de interessante, não conseguia de início compreender como tal instituição poderia funcionar, por se diferenciar muito do Japão. Já nos EUA sua percepção sobre a hierarquia e patriarcalismo familiar o surpreendeu, quando ao perguntar sobre a família de George Washington, pouco se sabia sobre (MACFARLANE, 2012, p. 29-33).

Fukuzawa ainda retorna para os Estados Unidos outra vez em 1867, indo para Washington e Nova Iorque, mas nesta ocasião, ele foca em não somente observar a sociedade estadunidense, mas também, levar de volta o máximo de livros e obras possíveis para o Japão. Desde que retornou da primeira viagem em 1860, se torna responsável por traduzir documentos para o Departamento de relações exteriores, estreitando seu contato com o Ocidente e governo, inclusive indo à Europa para trabalhar como tradutor diplomático durante outra missão nipônica (NISHIKAWA, 1993, p. 496). Seu trajeto pelo Ocidente com suas anotações durante as viagens, culminam em um livro com o nome *seiyo jijo* (em tradução livre, *Condições do Ocidente*), no qual Fukuzawa contribui para a compreensão da sociedade europeia e estadunidense, concluindo que a modernização deve vir pela educação. Com essa missão em mente, em 1867, Fukuzawa funda a sua própria escola de ensino, com foco em ensinamentos voltados para a transformação do “espírito” japonês, para

liberdade individual e nacional, através dos estudos ocidentais (NISHIKAWA, 1993, p. 497).

Com essa trajetória de difusão de obras, textos e conhecimento técnico holandês que adentra o Japão principalmente a partir do final do século XVIII, o arquipélago acaba se interessando cada vez mais pelo “novo” e suas possibilidades. Desde a tradução do *Tafel Anatomia*, até a ida para fora do Japão e a difusão dos estudos ocidentais, o contato com o exterior foi importante para a fundamentação de uma escola ocidental de pensamento nas ilhas japonesas. E se por sua vez, no âmbito japonês geral é possível perceber os contatos com o Ocidente, Fukuzawa é um dos principais expoentes, se não da introdução, mas da propagação desta escola de pensamento. Nishikawa (1993, p. 493) destaca que apesar da aparente “influência” que o Ocidente exerceria sobre Fukuzawa, ele não acreditava na sobreposição ocidental sob o Japão, mas na imitação e adaptação do método europeu, suas tecnologias, sociedade, política, etc. Para Fukuzawa, a necessidade de transformação japonesa estava ligada com uma mudança geral no espírito nacional japonês, que por sua vez, não estava ligado ao material ou físico, mas sim, à consciência individual e coletiva japonesa.

Fukuzawa ainda em sua busca pelo conhecimento ocidental que pudesse ter utilidade para a emancipação do Ocidente, lê diversos autores europeus, que vão servir de referência bibliográfica para sua construção de *Bunmeiron no Gairyaku*. Seu primeiro contato com Ogata como seu mentor, levou-o a traduzir diversas obras holandesas, das quais Fukuzawa aprendeu muito sobre tecnologia e ciência europeia. Aprender inglês, juntamente com suas viagens, abriram um mundo de possibilidades para Fukuzawa, que estudou aspectos sociais e políticos do Ocidente. Estes estudos tiveram participação na fundação de seus pensamentos e ideias relacionadas ao Ocidente e também ao rumo japonês. Fukuzawa lê John Hill Burton, Blackstone, Montesquieu, Adam Smith, Tocqueville, J. S. Mill, entre outros, dos quais têm participação no que Fukuzawa escreve sobre história, economia e política ocidental (MACFARLANE, 2012, p. 57-59).

Durante suas leituras, que incluíam autores ocidentais populares, Fukuzawa estudou também em fontes menos ortodoxas, como é o exemplo de George Crawshay (1821–1896), um político inglês que através de suas petições de tom radical, teve impacto no pensamento político ocidental de Fukuzawa (WATANABE, 2011, p. 463). Pelas lentes de um liberal da classe média inglesa, escritor de diversos tópicos, como

história, economia, política etc., Fukuzawa complementa seu livro *Condições no Ocidente* (1868). Este contato se deu também especialmente pela obra de John Hill Burton (1809-1881), *Economia Política para uso em escolas e instituições privadas* (1852), o qual Fukuzawa aprendeu sobre diversas características da vida ocidental (WATANABE, 2011, p. 463). Através da análise das leituras de Fukuzawa, Craig (2009) aponta a ligação do pensamento civilizacional do autor japonês com as estruturas de pensamento de separação da civilização em estágios de desenvolvimento (WATANABE, 2011, p. 464).

Para além de livros europeus, alguns livros de geografia e livros didáticos estadunidenses, que foram utilizados em escolas básicas durante o século XIX, são também abordados nos estudos de Fukuzawa. As apostilas e livros didáticos são embasados pelas ideias de William Channing Woodbridge (1794–1845), geógrafo estadunidense que escreveu sobre educação e geografia e que defendia a ideia de cinco estágios civilizacionais (WATANABE, 2011, p. 464). Continuando no campo educacional, Craig (2009) mostra que Fukuzawa bebe da fonte de livros escritos para o público comum, como livros de história geral, dicionários, conceitos básicos para iniciantes (WATANABE, 2011, p. 465). As leituras de livros não “especializados” podem também dizer sobre sua vontade de escrever sobre educação e seu foco em livros voltados para o público comum, junto com o cuidado em sua escrita.

Além desses autores, dois que se destacam dentro de sua obra - inclusive sendo citados diretamente - são François Guizot (1787-1874), *The History of Civilization in Europe* (1828) e Henry Thomas Buckle (1821-1862), *History of Civilization in England* (1857), obras das quais o autor utiliza-se para escrever sobre a história ocidental e também, pensar o conceito de civilização.

Henry Thomas Buckle foi um influente historiador inglês que teve como grande característica – além do fator civilizatório – a defesa da escrita de uma história científica, pareando-se com as ciências naturais (ROMERO, 2016, p. 190). Durante toda sua vida abastada, desde jovem teve como norte a erudição e focou seus estudos em desenvolver uma história – “uma” no sentido de “uma grande e única história” – que conectasse os eventos que, para ele, culminaram na “desenvolvida” civilização inglesa (ARAUJO, 2010, p. 218). Fukuzawa compartilha de dois aspectos marcantes da proposta de Buckle, sendo o primeiro já citado, a história como fio conector e que liga ao desenvolvimento de sua sociedade no presente, apesar de no caso de Fukuzawa, a linha ser construída por uma crítica direta ao não atingimento desse

desenvolvimento civilizacional. Outro ponto, é a insatisfação em relação aos modos de produção da história vigentes em seu tempo. Enquanto Buckle (2010, p. 228) faz críticas ao método de abordagem narrativa e factual do estudo histórico, apontando que o estudo separado de fatos e acontecimentos não contempla a composição necessária para elevação da história à de ciência, Fukuzawa critica a linearidade de eventos relacionados a transição de governos como sendo fios condutores para construção de uma história nacional. Outro ponto interessante de intersecção entre os dois historiadores é o uso da palavra “espírito”, que aparece em ambos com diferentes pesos. Em Buckle (2010, p. 244), o uso de espírito aparece como uma compreensão mais aprofundada do ser e do construir história através do mesmo, enquanto que para Fukuzawa (1875) é característica definidora para a civilização do Japão.

François Guizot foi um historiador francês do século XIX, que similarmente a Fukuzawa, passou pela transição de períodos marcantes para as sociedades em que viveu: Fukuzawa e a Restauração Meiji, Guizot com a Revolução Francesa. O livro do qual Fukuzawa (1875) cita em sua obra é a *História Geral da Civilização da Europa*, na qual Guizot escreve o percurso da civilização europeia desde a queda de Roma, chegando no século XIX. De Guizot, Fukuzawa utiliza-se principalmente de sua escrita da história do Ocidente para embasar o seu capítulo sobre a história ocidental, não somente sobre os acontecimentos, mas a maneira de separá-los em tópicos que tangenciam diferentes aspectos. Guizot (2009) divide seu livro em 14 grandes tópicos que abordam a história europeia através de uma linearidade que passa por temas como a Igreja Católica, as Cruzadas, o Sistema Feudal, as Cidades Livres, a Monarquia e a Revolução. Cada um dos tópicos se subdivide em subtópicos que compõem cada capítulo, expressando a conexão entre estes, para culminar na sua atualidade pós Revolução Francesa. Além dos dados históricos, Guizot (2009, p. 15-33) escreve também sobre o conceito de civilização e sua presença no continente europeu. Neste aspecto, a obra de Fukuzawa (1875) compartilha similaridades. Em ambos, a noção de coletividade e individualidade andam juntas, ligadas à ideia de liberdade individual, que tem como corolário a liberdade coletiva.

A partir das leituras ocidentais, com suas leituras chinesas e japonesas, além de sua vivência na troca de Eras, Fukuzawa, formula base para a construção de seus argumentos em *Bunmeiron no Gairyaku*, focando na necessidade de modernização do Japão através da civilização.

CAPÍTULO 3: TEORIA CIVILIZATÓRIA DE FUKUZAWA

Fukuzawa constrói os últimos dois capítulos de seu livro em torno da história civilizacional japonesa e sua teoria para o futuro japonês através da adaptação do moderno ocidental. Diferente do oitavo capítulo intitulado “Origens da Civilização Ocidental”, no qual o autor da obra organiza através de tópicos como, governo, economia, religião etc, uma sequência de “fatos históricos” que conduziram a civilização do século XIX europeu. Durante o nono capítulo de *Bunmeiron no Gairyaku* Fukuzawa se atenta a brevemente construir uma teoria sobre o desenvolvimento da história japonesa, através da escrita dos fatos e de uma reflexão sobre estes. Fugindo da tradição confucionista, atuante entre os historiadores que dominavam a escrita da história japonesa, Fukuzawa propõe um texto que, à primeira vista, não apresenta tantos elementos cronológicos, lineares e descritivos sobre a história japonesa e seu processo de civilização.

Organizando em tópicos, assim como no capítulo oitavo de seu livro, ele aborda diversas temáticas que dizem muito mais sobre o momento atual que estava vivendo, e experienciando, do que necessariamente dos tempos históricos aos quais se refere. Fukuzawa trata novamente de tópicos como governo, economia, religião, povo comum, etc..., mas em suas descrições, o uso dos acontecimentos históricos é base para construir sua teoria civilizatória e sua história da civilização japonesa. A história escrita por Fukuzawa rompe com o passado já estabelecido ao desconsiderar como história do Japão as principais histórias escritas¹⁹ por se tratar de histórias sobre o governo e seus principais feitos e, principalmente, pela manutenção na hegemonia de poder e na perpetuação do desbalanceamento de poderes em todos os âmbitos das relações pessoais.

Para Fukuzawa, o *seeshin* (em tradução livre, espírito) é a necessidade de mudança e a principal característica do indivíduo como pertencente a uma sociedade, sendo a força motriz de movimento do ser. Para Fukuzawa (2008, p. 22), o espírito não é um conceito diretamente ligado à religiosidade ou à espiritualidade, mas faz jus à motivação e como se fosse uma entidade, ou energia que está presente em todos os aspectos do ser. Sua intangibilidade torna-o ainda mais difícil de delimitá-los e

¹⁹ Arai Hakuseki como um exemplo que será abordado nas próximas páginas.

defini-lo, mas, através de exemplos, Fukuzawa descreve o que considera o espírito de uma nação:

Se estudiosos lerem histórias abrangentes de todo o mundo e compararem a Ásia com a Europa, e se estes investigarem os pontos nos quais as duas áreas do mundo são diferentes - sem levar em conta características como suas geografias e produtos, legislações e leis, seus avanços ou atrasos tecnológicos, suas diferenças e semelhanças religiosas, e assim por diante - eles irão certamente descobrir uma certa entidade espiritual entre estas respectivas diferenças. [...] quando nutrida, cresce para abraçar a infinidade de coisas na terra; se reprimida ou contida, suas manifestações externas vão também se esvaír. Está em constante movimento, avançando ou regredindo, desenvolvendo ou dissolvendo (FUKUZAWA, 2008, p. 22, tradução nossa).

O espírito presente em cada indivíduo pertencente a uma nação seria responsável pelas características fundamentais e estruturais presentes no cotidiano e no pensamento individual-coletivo. Em outras palavras, a ação necessária para o Japão residia no “avanço”, ou então, mudança do espírito japonês, que devido a sua trajetória colocada em comparação com as sociedades ocidentais, carecia de “desenvolvimento”, proveniente do espírito da nação. Para compreender melhor o processo de construção e concretização do espírito japonês na metade do século XIX, Fukuzawa (1875) escreve a história japonesa, ligando os acontecimentos passados com o presente em busca de um futuro diferente.

3.1 TEORIA DO DESENVOLVIMENTO JAPONÊS

Fukuzawa escreve sobre o não balanceamento de poder dentro da sociedade japonesa. Ele compara a história da sociedade ocidental, como algo plural e definido através da convivência entre diversos povos, que culmina na civilização europeia como presente em 1870. Para ele, no Japão, a história havia se constituído como uma história não mesclada, desigual, havendo sim pluralidade, mas sempre com desbalanceamento de poderes. Fukuzawa define esse desbalanceamento de poderes como o fator principal para diferenciar a civilização europeia da civilização japonesa (FUKUZAWA, 2008, p. 176).

Agora em primeiro lugar, a liberdade de uma civilização, não pode ser comprada ao custo de outra liberdade. Ela só pode existir quando não infringir os direitos e benefícios, opiniões e poderes, todos os quais deveriam existir em algum equilíbrio. É somente possível existir liberdade, quando essa liberdade é limitada (FUKUZAWA, 2008, p. 176, tradução nossa).

A relação que Yukichi faz com o conceito de civilização, balanceamento de poder e liberdade, é bem perceptível em seu texto. Por exemplo, no trecho acima, a importância da limitação do poder, os perigos do poder infindável e os limites da liberdade seriam características fundamentais para a constituição ou não do processo de civilização. As relações de poder são pertencentes às características humanas de relações, sejam elas, familiares, conjugais, serviçais, hierárquicas ou de qualquer outro tipo (FUKUZAWA, 2008, p. 177).

Essas relações de poder devem ser entendidas como multifacetadas, não só caminhando para um lado, mas sim, exercendo diferentes papéis em distintas relações, sendo um indivíduo ao mesmo tempo o dominado e o dominador, dependendo da função que este exerce em cada relação. A diferença de poder gera opressão e sentimento de domínio, dependendo do lado da equação a qual o indivíduo está. A definição destas diferenças de poder pode ser caracterizada pelas divergentes condições nas relações de cada indivíduo:

A existência destes níveis não deveria ser um obstáculo para as relações sociais, mas na maioria dos casos onde existe uma diferença nas condições, existem também tendências para haver um desbalanceamento de direitos. Isto é o que eu quero dizer por desbalanceamento de poderes (FUKUZAWA, 2008, p. 177, tradução nossa).

Fukuzawa continua com seu argumento de que o poder, e por consequência suas relações e desbalanceamentos, não só estão no governo, mas também fazem parte da sociedade como um todo. A presença de alguém em um lugar de poder não daria a essa pessoa um novo caráter, mas apenas daria palco para que esse indivíduo exerça seu poder de forma oficial e a ser lembrado (FUKUZAWA, 2008, p. 178). A preocupação de Fukuzawa com a história da história japonesa jaz na constituição da história como construtora de um passado unilateral e não abrangente, ou então, excludente. Aqui, não abrangente toma o sentido de escolha particular e hegemônica dos mesmos protagonistas. Para entender um pouco mais sobre esse processo, Fukuzawa descreve diversos acontecimentos passados e transições internas em território japonês, que se desenvolveram dentro do mesmo sistema hegemônico de poder. É como se a sociedade japonesa fosse dividida em duas grandes classes, a do dominador – constituída pelo governo vigente – e o dominado, do qual faziam parte as pessoas que constituíam as pessoas comuns (FUKUZAWA, 2008, p. 181-185).

A história japonesa foi dividida em 14 estágios por Arai Hakuseki, pensador confucionista que trabalhava para o Shogun Tokugawa Ienobu.²⁰ Em 1712, na obra *Lições da História*, ele periodiza a história japonesa em 14 períodos, sendo nove antes do governo dos samurais e 5 até a consolidação Tokugawa – vigente em seu tempo (HAKUSEKI, 1982, p. 3-5). Em sua extensa obra sobre as passagens governamentais no Japão, com características tradicionais chinesas confucionistas, Arai escreve de maneira descritiva e seletiva os fatos que determinaram a sucessão de poder governamental no Japão. A descrição de nascimentos, guerras, sucessões, subidas e descidas ao poder, organizadas de maneira linear e cronológica, marcam a história escrita em *Tokushi Yoron*. O desencontro com essa história, para Fukuzawa, é marcado no ponto que a história dividida em 14 seções, nada mais seriam do que 14 repetições da mesma história ou como coloca: “quando Hakusei fala sobre ‘nove estágios’ e ‘cinco estágios’ [...] ele está apenas apresentando repetidamente a mesma peça 14 vezes” (FUKUZAWA, 2008, p. 185).

Entendo que a crítica de Fukuzawa à escrita de Hakusei não esteja diretamente ligada a forma de escrita cronológica, linear e de sucessões governamentais – ou até mesmo no sentido de “história dos grandes homens”. Sua crítica se debruça sobre os aspectos da homogeneização do “espírito” japonês da classe governamental dominadora, como pertencente à constituição da história nacional japonesa. Para ele, a mudança de poder das mãos do imperador e da casa imperial para as forças militares dos samurais não se constitui como uma mudança estrutural do sistema de balanceamento de poder. Nas camadas abaixo dos comandos militares ou das cortes governamentais, pouca mudança ocorreu: os camponeses não mais serviam ao imperador, mas agora sim a *hans* individuais governados por samurais. A preocupação dos camponeses estava na sua sobrevivência, e não na detenção do poder (FUKUZAWA, 2008, p. 181).

Quando os Minamoto destruíram os Taira e estabeleceram o *Bafuku Kamakura*, ou quando os Houjou tomaram conta dos reinos do governo como shoguns, ou quando os Ashikaga foram rotulados como bandidos por se voltarem contra a corte ao sul, ou mesmo quando todo o país foi unificado através dos esforços de Nobunaga, Hideyoshi e Ieyasu - a hegemonia em todas estas situações era simplesmente uma questão de manipulação dentro do sistema já estabelecido (FUKUZAWA, 2008, p. 184, tradução nossa).

²⁰ Pertencente a família Ieyasu, governou durante os anos de 1709 - 1711.

É evidente na leitura durante o nono capítulo, a desaprovação de Fukuzawa com o passado japonês pré-estabelecido. As características marcadas das representações citadas anteriormente remetem Fukuzawa à falta da constituição de representação nacional através da história, deixando assim o Japão ainda mais distante da civilização – em comparação com a Europa. Ao mesmo tempo em que ele desaprova e crítica a história do Japão já escrita, ele a crítica no sentido de apropriação como “história nacional japonesa”, dando a entender que, como uma história dos governos japoneses, ela cumpriria o seu papel.²¹ É interessante analisar que ao mesmo tempo em que ele julga a maneira como a história foi escrita, sua crítica não é necessariamente – ao menos visivelmente – ao escritor ou sua escrita, mas sim aos governos hegemônicos e também a falta de “espírito” do povo comum e sua participação na construção de uma história japonesa. Ou seja, o rompimento com esse passado não se trata de uma negação do passado japonês, no sentido de não existir história, como acontece na famosa frase do médico Erwin Bälz (1849-1913),²² mas sim de um passado não adequado para o desenvolvimento de um Estado civilizado.²³

Em relação à população em geral – pertencentes ao povo comum – Fukuzawa divide a posição deste grupo na participação da história – ou histórias – japonesa. Do mesmo modo que o poder se manteve sempre com as mesmas pessoas e não oferecia oportunidade de mudança para as outras camadas, ou seja, colocando parte da culpa nos governos para explicar a situação atual da civilização no Japão, o povo comum não ofereceria, ou melhor, não teria interesse em participar destas mudanças (FUKUZAWA, 2008, p. 186). A falta de sentimento de pertencimento e identidade nacional é um dos principais fatores para a subcivilização. Para fora da cadeira do governante e seus subordinados diretos, pouco poderia ser apontado como pertencimento a uma unicidade nacional. Para Fukuzawa, isso explicaria o porquê a transição de poderes na história do Japão tenha ocorrido de forma “simples”, com

²¹ Ainda podendo levantar o debate sobre ser somente a história do Governo japonês e suas diferentes fases, tendo em vista que para Fukuzawa a hegemonia estrutural se manteve durante as classes dominantes.

²² Erwin Bälz foi um médico que trabalhou no Japão, diretamente para a família imperial. Em um de seus relatos em seu diário sobre o Japão, o médico comenta sobre uma conversa em 1876 com um japonês que teria dito a famosa frase: “Nós não temos história. Nossa história começa agora” (WILSON, 1980, p. 570).

²³ Novamente, aqui civilizado leva a conotação de civilização apresentada por Fukuzawa.

pouca resistência. As guerras eram travadas entre os senhores, não entre a população.

Se hoje surgisse um incidente que opusesse toda a população japonesa contra um país estrangeiro, até mesmo se toda população japonesa pegasse em armas e fosse para a frente de batalha, nós poderíamos antecipadamente calcular quantos iriam realmente estar interessados em lutar e quantos seriam apenas espectadores. Isto é exatamente o que eu quis dizer quando coloquei que no Japão existe sim um governo, mas não uma nação (FUKUZAWA, 2008, p. 187).

Não muitos anos depois de seus textos e participação no debate intelectual e político em relação ao rumo a ser tomado pelo Japão como Estado nacional, o país veio a participar de diversas guerras independentes contra países vizinhos, além da participação em massa na Primeira Guerra Mundial e na Segunda Guerra Mundial. Diferente do que ele aponta em seu sentimento sobre a falta de participação popular, faltando sentimento de pertencimento à nação, utilizando da perspectiva de espectadores do tempo e da história, observando como privilegiados os acontecimentos passados, é possível entender como a preocupação que Fukuzawa tinha, foi completamente suprida. Em todos os envolvimento acima citados, a participação japonesa ocorreu de forma integral, principalmente na Segunda Guerra Mundial, o sentimento de luta pelo país tomou conta da população japonesa. Cada cidadão possuía o dever e o papel de participar no combate armado, ou então, ajudar e dar suporte para que o país vencesse o conflito. Claro que esse nacionalismo e união por um ideal identitário não foi acaso e nem do dia para noite, as correntes de ideias nacionalistas estiveram presentes em todos os aspectos governamentais após a Reforma Meiji. Nestas reformas, o principal foco era na educação, dando início a um projeto de educação universal, visando alfabetizar e preparar a população para a construção de um Estado Nação.²⁴

A mudança na abordagem sobre o ensino para toda população no Japão foi também uma das principais bandeiras levantada por Fukuzawa, porque sua preocupação com a educação jazia na ideia de que o conhecimento disseminado seria não somente emancipador e libertador, mas também a chave principal para atingir a

²⁴ A educação japonesa passou por diversas reformas com finalidade de adentrar a modernidade e consolidar o poder imperial. Foi publicado em 1890 um Édito Imperial da Educação é publicado e lido nas escolas, perpetuando a fundação mítica japonesa e sua conexão com o imperador. Também falava sobre a subordinação ao governo e perpetuação da hierarquia social. (SAKURAI, 2018, p.141 - 142).

civilização.²⁵ Visto que suas ideias tinham como objetivo a aproximação do Japão ao mundo civilizado, através de assimilações com o processo histórico do Ocidente, Fukuzawa (2008, p. 193) demonstra grande crítica às tradições de ensino²⁶ budista e confucionista dominantes no Japão. Fukuzawa reconhece a importância dos princípios confucionistas para a história japonesa, denotando que exerceram papel fundamental com o letramento e principalmente, em suas palavras, “refutando falsas e ilusórias teorias do Xintoísmo e Budismo e dispensando algumas superstições populares” (FUKUZAWA, 2008, p. 195). Mas seus agradecimentos - ao confucionismo principalmente - param por aí, suas principais críticas são direcionadas a essa corrente de pensamento, justamente por serem perpetuadores do desbalanceamento de poder. A comparação feita é de que dentro da história ocidental (europeia) a educação passou do controle do governo para ser pertencente a estudiosos - independentes ou não - não ligados diretamente ao mesmo, sendo vivenciado em espaços públicos ou privados abertos ao debate.²⁷ Já no Japão, a educação teria seguido um rumo diferente, iniciou e se manteve dentro e controlada pelas autoridades durante todos os períodos.

Outro grande problema para Fukuzawa (2008, p. 197-198), em se tratando da educação Budista e Confucionista, seria o apego exacerbado ao passado e na sua exaltação como insuperável. Sendo o confucionismo um conjunto de ideias baseadas nos ensinamentos de antigos sábios chineses, a crença tradicional confucionista chinesa - na interpretação de Fukuzawa - entendia como ápice educacional, atingir o nível de Confúcio e Mêncio. Aí estaria um grande indício, para ele, de que a tradição confucionista não seria suficiente como método de aprendizagem no Japão. Em outras palavras, ela teve sua importância, mas havia atingido seu limite no quesito de contribuição à nação. Não só não teria mais como contribuir “positivamente”,²⁸ mas, para Fukuzawa (2008, p. 197-200), a contribuição confucionista para o campo da educação foi auxiliar na perpetuação do absolutismo presente no governo japonês e

²⁵ Podemos destacar aqui sua obra “Um incentivo ao aprendizado” publicados na forma de panfletos dos anos 1872 - 1876, assim como ter fundado a primeira universidade privada “Universidade de Keio” em 1858.

²⁶ Cito aqui somente as tradições de ensino, mas Fukuzawa tece críticas sobre diversos aspectos do Confucionismo, Budismo e Xintoísmo, como religiosidades/espiritualidades/ensinamentos provenientes das camadas detentoras do poder, excluindo estas quaisquer autoridades próprias. (FUKUZAWA, 2008, p. 189 - 193).

²⁷ Fukuzawa cita aqui os debates ocorridos principalmente na Inglaterra, no qual a leitura de textos e discussões eram abertas ao “público”.

²⁸ Considerando aqui a ideia de desenvolvimento e processo de civilização para Fukuzawa.

na normalização e enraizamento desse modelo governamental no “espírito”²⁹ japonês. Fukuzawa atribui esse sentimento de aceitação ao modelo de governo japonês ao confucionismo, pelo fato de se colocarem a serviço do regente e educarem seus indicados visando apenas a sucessão e manutenção do poder no governo. Fukuzawa (2008, p. 195) traz novamente o desbalanceamento de poder e hegemonia governamental para a questão, pois tendo a educação como sua propriedade, os regentes dominavam a classe intelectual presente e futura do Japão. Sendo a educação propriedade do governo, pouco abrangente era seu público e as temáticas abordadas. Quase que exclusivamente os aprendizes eram ligados ao governo, ou então, às famílias samurais próximas ao governo ou que pretendiam ascender na gestão de cargos do mesmo. Já os assuntos se limitavam a arte de governar, sendo as artes e ciências meras ferramentas para educar um futuro gestor, que tinha como objetivo ascender e governar e não se instruir intelectualmente. O que para Fukuzawa, era um grande problema (FUKUZAWA, 2008, p. 195).

Como mencionei acima, a sociedade japonesa desde os tempos antigos demonstra uma divisão entre governo e governados. Esse desbalanceamento de poder tem perdurado até os dias atuais. Não é necessário dizer que o povo comum nunca conquistou seus próprios direitos. Tanto religião quanto aprendizagem estiveram sob o controle das classes governantes e nunca ascenderam a posição de independentes. Apesar de que em períodos de guerra os guerreiros pareceram ter sido leais e corajosos, eles nunca experimentaram a individualidade. Seja na guerra ou na paz, todo o tecido das relações sociais, da classe mais alta até a mais baixa, demonstrou este desbalanceamento de poder (FUKUZAWA, 2008, p. 206, tradução nossa).

Com esse parágrafo Fukuzawa resume, em suas próprias palavras, o texto que desenvolveu durante o nono capítulo. Nele, destaca as principais características formadoras e delineadoras da sociedade japonesa do final do século XIX. Independentemente da temática abordada, fica evidente que para Fukuzawa a falta de variedade, maleabilidade e balanceamento nas relações hierárquicas sociais, militares, econômicas, políticas etc, estão conectadas com um desbalanceamento de poder que gere essas relações e proporciona através delas, ou melhor, a falta de possibilidades para a consolidação de um Japão civilizado.

Sua preocupação com a falta de desenvolvimento civilizacional japonês é ligada diretamente ao medo de dominância proveniente do Ocidente (FUKUZAWA, 2008, p. 225). Tendo convivido, experimentado e estudado a civilização ocidental

²⁹ Utilizo aqui a palavra espírito a partir da palavra 精神 (*seeshin*) utilizada por Fukuzawa pelo decorrer de seu livro.

durante seus anos de vida, Fukuzawa ainda assim expressa a característica predatória do processo civilizacional. Ainda que concorde com ele, fica aparente suas ressalvas e sua aderência à civilização. Além de todos os pontos citados previamente sobre características que beneficiam a civilização de um país, atingir a civilização quer dizer para Fukuzawa fugir do controle e do poder dos países europeus já, para ele, civilizados. Se tornar civilizado quer dizer não se tornar nem dependente, fornecedor exclusivo ou refém do Ocidente e seu poderio econômico, militar, tecnológico e social. Atingir a civilização é, para Fukuzawa (2008, p. 225), um passo fundamental para a obtenção da liberdade nacional.

Fukuzawa não foi o único a se preocupar com o caminho da história para o Japão e, principalmente, o rumo que o Japão tomaria agora como um Estado nacional.³⁰ Além de dar sua sugestão para o caminho a ser seguido pelo povo e Estado japonês, Fukuzawa também faz sua breve descrição sobre as principais correntes de ideias que buscavam para o Japão e sua história, o melhor para o próprio Japão. Claro que sua descrição não poderia ser apenas a descrição de cada corrente de pensamento com suas características, Fukuzawa coloca seu posicionamento quanto a cada uma delas e as critica - elogia também, mas em menor escala - por não serem suficientes para livrar o Japão do que ele classifica como uma “doença”:

As pessoas dizem que nosso país está em perigo, mas exatamente sobre qual perigo eles estão falando? Não é como se as leis não estivessem sendo cumpridas, nem como se os impostos não estivessem sendo coletados, nem mesmo como se as pessoas houvessem subitamente se tornado ignorantes, nem ao menos que os oficiais sejam estúpidos e desonestos.[...] Se mesmo assim alguns disserem que o Japão de hoje está com maiores problemas e perigos que no passado, então nós devemos perguntar o que, concretamente, eles estão falando sobre, e exatamente sobre o que deveríamos estar preocupados.[...] O fato é que se o Japão fosse o mesmo que sempre foi, nós estaríamos completamente calmos. Isto prova que se trata de uma nova doença que está nos causando ansiedade. Mesmo que os intelectuais do nosso meio devam saber que está é a doença que está lhes causando tanto aflição, que nome eles dão a isto? Eu nomeio de “relações internacionais” (FUKUZAWA, 2008, p. 237, tradução nossa).

Mesmo não se propondo resolver esse problema e nem oferecer uma resposta final para a obtenção da liberdade nacional, Fukuzawa deixa claro durante todo seu texto, e ao fim de sua análise, que para ele, o caminho a ser tomado para a “cura” desta “doença” seria atingir a civilização e com isso, o Japão ter liberdade e independência perante o mundo.

³⁰ As principais correntes de ideias estão brevemente explicadas no primeiro capítulo deste trabalho.

3. 2 HORIZONTE E ESPAÇO EM TENSÃO

Utilizando como base para pesquisa a teoria sobre a temporalidade de Koselleck (2006), é possível analisar o momento vivido por Fukuzawa - e o Japão em um geral - como um exemplo da tensão entre o espaço de experiência e horizonte de expectativa, da qual resultam a teoria civilizatória de Fukuzawa, e suas percepções em relação à história japonesa, ou melhor, a falta dela. Além disso, a contribuição de Koselleck (2006) para a aplicação metodológica referente a história dos conceitos serve também de base para compreender - mesmo que de maneira inicial-, a semântica que o conceito de “civilização” (*bungaku*) possui ao ser utilizado por Fukuzawa e seu teor prognóstico,³¹ por mais que o historiador japonês não se proponha diretamente a fazer isso.

Quando Fukuzawa (1875) escreve sobre a necessidade de mudar o espírito da nação japonesa e adotar a civilização como ápice do desenvolvimento da sociedade, se justifica através da urgência nacional perante a reconexão com o Ocidente. A sua preocupação está diretamente ligada à noção de modernidade como homogeneizadora, concedendo a quem a atinge tecnologia (bélica, naval, arquitetônica, científica). Para os que não a atingem resta apenas a subjugação. Koselleck (2006, p. 274) escreve sobre a semântica do “tempo moderno” como “tempo novo”, ou seja, a relação entre moderno e novo está atrelada desde o início da modernidade. Fukuzawa (2008) faz jus a esse significado, considerando modernidade como o que deve ser atingido, não tendo sido atingida ainda, portanto, uma novidade na história japonesa. O “novo” não só é novo por exercer caráter de não existência, mas por especificamente não existir no espaço de experiência, mas existir no horizonte de expectativa. Ao mesmo tempo em que ele não existe no passado, ele é uma certeza no futuro, que depende de mudanças entre as duas temporalidades para que se materialize. O que quero dizer é que para que o novo aconteça é necessário que o passado se modifique em prol do futuro. No caso de Fukuzawa, o novo era a modernidade e a civilização. Não seria possível construir o futuro que Fukuzawa esperava para o Japão, se a história que se conhecia mantivesse-se a, ou seja, hierárquica e descritiva sobre as passagens de regência. A diferença entre os espaços

³¹ Utilizo aqui o termo “prognóstico” emprestado da obra de Koselleck (2006), com a finalidade de ressaltar os aspectos referentes à relação futuro-presente (e presente-futuro) que se encontra no texto de Fukuzawa.

de experiências recentes - a exemplo de sua vida no período Tokugawa - e os horizontes de expectativa (KOSELLECK, 2006) expandidos pela Restauração Meiji, proporcionam a Fukuzawa um distanciamento do qual se torna inviável perceber uma conexão entre estas duas dimensões temporais. O futuro que anseia e espera não é atingível através do passado que se recorria anteriormente.

É perceptível na narrativa de Fukuzawa uma crítica indireta aos topos da *historia magistra vitae* – da história como mestra da vida – através da crítica ao pensamento confucionista tradicional presente na história chinesa e posteriormente importado para o Japão. Para Fukuzawa não caberia a ideia de obter, através do passado, pensamentos capazes de romper e embalar o caminho japonês para a modernidade. Seria possível somente se estagnar após atingir um platô já definido há anos, como por exemplo, atingir a máxima de Confúcio (FUKUZAWA, 2008), mantendo as mesmas condições do passado, sem mudanças. Seria contraditório para Fukuzawa atingir o novo e conseqüentemente o “melhor” baseando-se no passado cíclico e imutável. É provável que esta ideia de Fukuzawa (1875) só se torne possível, após a separação clara do passado, com a futura possibilidade de ascensão. A mudança na perspectiva da percepção do tempo, como coloca Tanaka (2004, p. 40), demonstra que durante o período Tokugawa a aceleração das mudanças resultou também em aceleração do tempo, centralizando através do Ocidente um passado impossível de se retornar ou tomar como modelo. Tanaka (2004, p. 40) conclui que “é nesse ponto que a civilização como definida pelo Ocidente, não apenas era a meta, mas também se torna o impedimento”. Ou seja, como meta de sociedade, ou melhor, civilização, o Ocidente assume o papel, mas para atingi-lo faz-se necessário assumir um passado não pertencente ao tradicional passado já estabelecido no Japão.

A partir deste ponto, é possível perceber uma relação da qual confere a Fukuzawa o título de participante do “iluminismo japonês” (SCHNEIDER; TANAKA, 2012, p. 495), quanto a necessidade de desapego e exclusão do passado, para definição de um futuro. Koselleck (2006, p. 56) coloca como um dos papéis dos iluministas, através da criação da enciclopédia de Diderot e D’Alembert, “reelaborar o passado o mais rapidamente possível, de forma que um novo futuro fosse inaugurado”. Essa relação entre o iluminismo e Fukuzawa pode receber aproximação também pelas origens europeias do uso da palavra civilização durante o século XVIII, sendo um dos aspectos chaves que fomenta o debate historiográfico acerca do iluminismo. A palavra civilização esteve presente em diversos autores que

escreveram durante o período iluminista, mesmo que não de maneira necessariamente explícita, mas sim através da sua ideia de progresso (PIMENTA, 2013, p. 121-123). Immanuel Kant (1985) apesar de não utilizar a palavra civilização e ter seu foco no *Aufklärung*, pode em seus trechos revelar características que denotam a compreensão da relação entre tempo e progresso. Existe uma conexão entre o conceito e os processos do esclarecimento e da emancipação erudita e atitudinal do ser humano, com a ideia de civilização como progresso e desenvolvimento e o tempo como categoria definitiva e imutável. Para alguns autores iluministas como Honoré-Gabriel Riqueti, conde de Mirabeau (1757), e Adam Ferguson (1767), o termo civilização está muito mais ligado a uma categoria de análise do que uma categoria “qualitativa” – no sentido de adquirir características maniqueístas. Entretanto, para outros autores iluministas, como David Hume, o termo civilização adquiriria um sentido intrinsecamente positivo, fazendo de si mesmo – civilização - um expoente do desenvolvimento das sociedades, saindo da barbárie para chegar ao estágio final do processo (PIMENTA, 2013, p. 125–127).

Neste sentido de Hume, aproximando os usos de civilização como definidora da história, em uma universalização da história civilizacional para o mundo, através de estágios a serem completados e superados pelas sociedades, é possível perceber uma relação com a teoria da civilização de Fukuzawa (1875). A sequência de desenvolvimento civilizatório está diretamente relacionada com a linearidade e a passagem do tempo, juntamente com a mudança e desenvolvimento do espírito individual no campo coletivo. Enquanto Kant (1985) utiliza do "esclarecimento" como um caminho individual para se seguir em busca da fuga da menoridade e mediocridade, Fukuzawa (1875) utiliza o termo “espírito” como ponto a ser desenvolvido pelo indivíduo a fim de também como um coletivo social, gerar a transformação a caminho do “progresso”. A relação ainda pode ser percebida quando, em ambos os casos, o passado é a dimensão temporal a ser questionada e superada. Compreende-se a evolução racional e temporal como fluxo que segue rumo natural e absoluto do tempo, que tem seu caminho externo e imutável, similar a uma visão newtoniana do tempo (NEWTON, 2016, p. 44–45). É como se, tal qual o tempo caminha linearmente para frente, a humanidade caminhará linearmente para a civilização. Para Kant (1985), o tempo exerce papel fundamental no desenvolvimento humano individual e civilizacional, mas não somente no sentido de passagem de tempo, mas também se apoiando na naturalidade, linearidade e absolutismo dele.

Contudo, para Fukuzawa (2008) tão importante quanto, ou possivelmente até mais do que, era a mudança proposital do ser, através da transformação do espírito individual - coletivo. Este caráter universal do conhecimento como um bem único comum entre todas as sociedades, mostra uma transmissão da compreensão de tempo como único e definitivo para construção da ideia de civilização como ápice universal dos estágios de desenvolvimento de uma sociedade.

A partir do uso da palavra “civilização” por Fukuzawa (2008) é possível adentrar um pouco na compreensão do papel do cunho e uso do termo dentro de sua obra, analisando através da teoria do tempo de Koselleck (2006). Sem conceitos comuns, não pode haver uma sociedade e, sobretudo, não pode haver unidade de ação política, diz Koselleck (2006, p. 98). Sendo assim, o uso e reuso das palavras “civilização” e “espírito”, a ênfase nelas durante todos os capítulos, contribui para fixar a ideia que Fukuzawa (2008) buscava para estes termos e seus significados na independência japonesa. Fukuzawa (2008) escreve *Bunmeiron no Gairyaku* para interlocutores participantes das escolas de pensamento chinesa, nacional, confucionista e busca, através da formação destes conceitos, unificar a ação de independência contra – e paradoxalmente, através do – o Ocidente. O termo *bunmei* (civilização) utilizado na obra é retirado do *Livro das Mutações* de Confúcio. Ou seja, já havia popularidade no uso da palavra nos meios intelectuais confucionistas (WATANABE, 2011, p. 467). Apesar de possuir outro significado até então - se referindo a época de ouro dos reinos clássicos chineses - a palavra tem relativamente fácil aceitação no meio intelectual japonês (WATANABE, 2011, p. 467), e pode demonstrar também a intenção de seu uso por Fukuzawa. Assim ele poderia aproximar e agregar as variadas estruturas de pensamento tradicional e moderna japonesa, em prol do avanço para a civilização e então liberdade japonesa.

O uso do conceito de civilização em Fukuzawa (2008) vai também de encontro com a discussão de Koselleck (2006, p. 102), partindo do princípio que os conceitos passam a ter menos significado presente e assumem muito mais um significado futuro. O cunho e uso do termo no próprio presente é visando o seu sentido no futuro, quando este for atingido. Isso fica ainda mais claro em Fukuzawa (2008), pela descrição da civilização e do espírito como ausentes na sociedade japonesa, ele escreve sobre a não-civilização japonesa atual, construída através da história oposta do espírito japonês. Neste aspecto, como coloca Lessing (apud KOSELLECK, 2006, p. 36), o tom prognóstico que Fukuzawa (2008) assume enquanto constrói sua teoria de

desenvolvimento da civilização japonesa diz muito sobre a sua vontade de viver este momento que ele propõe.

Talvez com a noção de saber que poderia viver suas propostas teóricas, seus livros e ideias tinham como foco o público leitor geral e específico, com intuito de que através da teoria adquirida e prática realizada, a sociedade japonesa se tornasse civilizada e então livre. Como espectadores posteriores da história, podemos confirmar a influência de Fukuzawa e a importância de suas obras para o momento em que viveu e na posterioridade japonesa. Suas obras foram lidas por diversas pessoas durante sua vida, e ainda mais nos séculos posteriores, impactando o Japão e o mundo com suas ideias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nascido em 1835, Fukuzawa viveu durante um período de transição do Japão, que saía de um longo isolamento e abria-se para o mundo ocidental. Ele é conhecido por sua teoria da civilização, que propõe que o Japão deveria abandonar seus costumes tradicionais e se modernizar, adaptando não somente tecnologia do Ocidente, mas também o espírito de liberdade. A teoria da civilização de Fukuzawa teve uma grande influência no Japão da Era Meiji, período em que o país passou por profundas transformações em sua economia, sociedade e política. Ainda durante seu tempo em vida, Fukuzawa despertou interesse de interlocutores japoneses e ocidentais, com os quais teve contato pessoal ou por suas obras.

MacFarlane apresenta diversos autores dos quais falaram sobre Fukuzawa e o reconhecimento contemporâneo que ele recebeu. Dentro de seus reconhecedores, estão zoólogos, escritores, professores, políticos e pesquisadores ocidentais que deixaram relatos escritos sobre Fukuzawa (MACFARLANE, 2013, p. 6). Dentro do Japão, o historiador também era reconhecido na camada que discutia sobre a sociedade japonesa e sua modernização (MACFARLANE, 2013, p. 7). Em obras e encontros públicos debatia com outros pensadores da escola civilizacional, assim como autores das demais linhas, como confucionistas por exemplo (MACFARLANE, 2013, p. 7). Durante os anos de 1874 e 1875, uma revista fundada por Fukuzawa e outros colaboradores, explorava suas ideias e as divulgava para o público (MACFARLANE, 2013, p. 7). Ainda no campo de seus textos, seus livros tiveram tiragens consideradas de grande volume para a época, sendo um expoente na divulgação do conhecimento (MACFARLANE, 2013, p. 6).

Um dos fatores, que contribuiu para a venda de seus exemplares, é a preocupação de Fukuzawa com a escrita de seus textos, quais palavras utilizar e o quão acessível eram suas ideias. Em sua autobiografia, ele comenta ter aprendido com Ogata a importância da clareza das ideias e do diálogo com o público leitor. Como suas obras, em geral, eram voltadas para a importância da educação e independência individual, elas tiveram popularidade. Com o campo educacional em mente, Fukuzawa funda, além de jornais e revistas, a primeira universidade privada do Japão (MACFARLANE, 2013, p. 7), que existe até hoje com o nome de Universidade Keio.

Sua participação no debate sobre o caminho futuro para o Japão foi reconhecida em sua contemporaneidade assim como em sua posteridade, sendo suas

contribuições escritas fontes de estudos para diversos pesquisadores japoneses e ocidentais (MACFARLANE, 2013, p. 6) que buscam compreender melhor o Japão “moderno”. Esta popularidade se dá ao fato de sua importância na construção do pensamento japonês atual, e unicidade popular e pertencimento nacional, que foi desenvolvido ao longo dos anos. Até mesmo no dia a dia japonês Fukuzawa se faz presente, desde 1984, nas notas de 10.000 ienes como uma homenagem de valorização aos intelectuais nipônicos (BRASIL-JAPÃO, 2021).

A independência japonesa e mudança no espírito japonês de fato ocorreram. Como público de uma história que já aconteceu, percebemos o deslocamento que o Estado japonês e seu povo tiveram a partir do final do século XIX. A discussão sobre moderno, civilização, Estado, povo, igualdades, eram partes fundamentais do pensamento de Fukuzawa em suas obras, mais especificamente neste caso, em *Bunmeiron no Gairyaku*. Sua teoria da civilização buscava atingir a liberdade japonesa a nível individual e, conseqüentemente, social para que a mesma civilização - que vinha do Ocidente - não os dominasse e os fizesse refém.

Este trabalho apresentou o intelectual japonês e sua obra, focando em sua teoria civilizacional para compreender um pouco mais sobre o que ela significava. Espero que após essa breve elucidação sobre a temática, mais pesquisas possam ser feitas a respeito de Fukuzawa e do contexto intelectual japonês. Essa abordagem inicial permite adentrar a temas mais avançados sobre a teoria de Fukuzawa e suas interrelações com os outros movimentos de modernidade e iluminismo no mundo. Através de uma abordagem global da história é possível caminhar entre linhas temporais e espaços que possibilitam a compreensão do movimento civilizacional e moderno como um processo de longa e ampla escala.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Valdei. Henry Thomas Buckle (1822 - 1862). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 217-225.

BUCKLE, Henry Thomas. Introdução geral à História da Civilização na Inglaterra. In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 226-245.

BRASIL-JAPÃO, Aliança Cultural. **17 de agosto: emissão da primeira nota de 1.000 ienes!**. Emissão da primeira nota de 1.000 ienes!. 2021. Disponível em: <https://site.aliancacultural.org.br/17-de-agosto-emissao-da-primeira-nota-de-1-000-ienes/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

BUENO, André da Silva. Abolir o passado, reinventar a história: a escrita histórica de Hanfeizi na China do século iii a.c.. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, [S.L.], v. 8, n. 18, p. 29-42, 14 set. 2015. Sociedade Brasileira de Teoria e História de Historiografia. <http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i18.899>.

EHALT, R. da S. Notas sobre o nascimento da historiografia moderna no Japão da Era Meiji. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 6, n. 12, p. 119–136, 2013. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/601>. Acesso em: 2 jun. 2022.

EOM, Seogin. Motodoa Nagazane's standards of Confucianism and Emperor Centralism. **F1000Research**, v. 10, p.272, 7 maio 2021. F1000 Research Ltd. <http://dx.doi.org/10.12688/f1000research.51001.2>.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas: "estado da arte". **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302002000300013>.

FUKUZAWA, Yukichi. **An outline of a Theory of Civilization**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2008. Tradução de: David A. Dilworth e G. Cameron Hurst, III.

FUKUZAWA, Yukichi. **The Autobiography of Fukuzawa Yukichi**. 5. ed. Tóquio: The Hokuseido Press, 1960. 430 p. Tradução de: Eiichi Kiyooka.

GLUCK, Carol. Meiji e Modernidade: da história à teoria. In: PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (org.). **O Japão no Caleidoscópio: estudos da sociedade e da história japonesa**. 3.ed. Campinas: Pontes, 2014. p. 15-37.

HANSEN, Wilburn. **When Tengu Talk: Hirata Atsutane's Ethnography of the Other World**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2009.

KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento? (Aukflärung). In: KANT, Immanuel. **Textos Seletos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2ª ed. 1985. p. 100 – 116.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

MACFARLANE, Alan. **Yukichi Fukuzawa**: and the making of the modern world. Createspace Independent Publishing Platform, 2013. 98 p. Disponível em: https://www.alanmacfarlane.com/TEXTS/FUKUZAWA_final.pdf. Acesso em: 09 fev. 2023.

MEHL, Margareth. Historiography in the Service of the Meiji Government. In: MEHL, Margareth. **History and the state in nineteenth-century Japan**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 1998. p. 16-28.

MERRIAM-WEBSTER. **About Us**: Merriam-Webster FAQ. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/about-us/faq#webster>. Acesso em: 24 nov. 2022.

NEWTON, Isaac. **Principia**: Princípios Matemáticos de Filosofia Natural – Livro I. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2 ed. 2016. p.44 – 45.

NISHIKAWA, Shunsaku. FUKUZAWA YUKICHI: (1835 - 1901). In: UNESCO. **Prospects**: the quarterly review of comparative education. vol. XXIII, série 3/4, Genebra, p. 493-506. 1993.

PIMENTA, Pedro Paulo. Refinamento e civilização ou como se colocar à altura de seu tempo. In PIMENTA, Pedro Paulo. **A imaginação crítica Hume no século das luzes**. Rio de Janeiro Beco do Azougue, 2013, p. 123-134..pdf

ROMERO, Alejandro Gomes. No país dos ventos alísios: leituras sobre henry thomas buckle no brasil republicano (1880-1900). **Revista Vernáculo**, n. 38, p. 189-223, 5 set. 2016. Universidade Federal do Paraná.

RUBINGER, Richard. Dutch Studies Shijuku in Osaka: Ogata Koan's Teki Juku. In: RUBINGER, Richard. **Private Academies of the Tokugawa Period**. Nova Jersey: Princeton University Press, 2014. p. 126 - 151.

SAKAMOTO, Tarô. **The Six National Histories of Japan**. Vancouver: Ubc Press, 1991. Tradução de: John S. Brownlee.

SAKURAI, Célia. Rumo à modernização: A Era Meiji (1868 – 1912). In: SAKURAI, Célia. **Os Japoneses**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 133 - 161.

SANTOS, Alexandre Fontoura dos. Os conceitos de “Feudalismo” e “Absolutismo” aplicados à realidade histórica do Japão, de 1185 a 1867. In: PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (org.). **O Japão no Caleidoscópio**: estudos da sociedade e da história japonesa. 3. ed. Campinas: Pontes, 2014. p. 39-60.

SASAKI, E. M. . **Estudos de Japonologia no período Meiji**. ESTUDOS JAPONESES (USP) , v. 37, p. 20-33, 2017.

SCHNEIDER, Axel; TANAKA, Stefan. The Transformation of History in China and Japan. In: MACINTYRE, Stuart; MAIGUASHCA, Juan; PÓK, Attila (ed.). **The Oxford History of Historical Writing**. Volume 4. Londres: Oxford University Press, 2011. p. 491-519.

TAKENORI, Inoki. Introduction. In: FUKUZAWA, Yukichi. **An outline of a Theory of Civilization**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2008. Tradução de: David A. Dilworth e G. Cameron Hurst, III. p.13 – 26.

TANAKA, Stefan. **History without Chronology**. [S. L.]: Lever Press, 2019.

TANAKA, Stefan. Naturalization of Nation: essential time. In: TANAKA, Stefan. **New Times in Modern Japan**. Princeton: Princeton University Press, 2004. p.85-116.

VLASTOS, Stephen. Opposition movements in early Meiji, 1868 - 1885. In: JANSEN, Marius B. **The Cambridge History of Japan: Volume 5 - The Nineteenth Century**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1989. p. 367 - 431.

WATANABE, Hiroshi. Civilization and Enlightenment: the early thought of fukuzawa yukichi. **Harvard Journal Of Asiatic Studies**, [S.L.], v. 71, n. 2, p. 462-469, 2011. Project Muse. <http://dx.doi.org/10.1353/jas.2011.0022>.

WEBB, Herschel. "What is the Dai Nihon Shi?". **The Journal of Asian Studies**. Cambridge University Press, 1960, vol.19, nº2.

WOOLF, Daniel. **Uma história global da história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WOOLF, Daniel. Historiography. In: HOROWITZ, Maryanne Cline. **New dictionary of the history of ideas: Volume 1, Abolitionism to Common Sense**. Michigan: Thomson Gale, 2005. p. 35 - 88.

YORIYAZ, L. ; ALVES, R. G. . **Uma análise genealógica das narrativas historiográficas no Japão no final do século XIX para o XX (1875-1905)**. In: XIX Encontro de História da Anpuh Rio, 2020, Rio de Janeiro. História do Futuro: ensino, pesquisa e divulgação científica. Rio de Janeiro: Anpuh Rio, 2020. v. 1.